

José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DE SAMUEL · I e II



José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO
DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DE SAMUEL · I e II

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

1ª EDIÇÃO

DIAGRAMAÇÃO

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

IMAGENS

pixabay.com.br

pt.wikipedia.org

SUMÁRIO

.....

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE SAMUEL · I e II	5
Uma releitura exílica e pós-exílica.....	5
Contexto histórico	6
Estrutura do livro.....	8
Divisão do Livro	8
A importância de Samuel	8
Davi.....	11
Saul e a origem da monarquia.....	12
ESTUDO DO PRIMEIRO LIVRO DE SAMUEL.....	16
I - HELI E SAMUEL (1-7)	16
ESTUDO DO SEGUNDO LIVRO DE SAMUEL	40
I - REINADO DE DAVI (1-20).....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE SAMUEL · I E II

.....

Junto com o primeiro e o segundo livros dos Reis, os livros de *Samuel* contam a história da monarquia, isto é, do período histórico durante o qual Israel foi um estado independente (depois de Salomão: dois estados), desde a instauração da monarquia até o exílio da Babilônia. Recebem esse nome porque neles Samuel é um personagem-chave, mas não o seu autor. A obra está artificialmente dividida em duas partes, normalmente chamadas primeiro e segundo livros. Na terminologia moderna, seriam chamados primeira e segunda partes. Os livros dos Reis também constituíam um único livro na Bíblia hebraica.

A divisão tanto dos livros de *Samuel* como dos livros dos Reis em dois livros remonta à tradução grega, que também uniu *Samuel* e *Reis* sob um mesmo título: *Os quatro livros dos reinos*. A Vulgata denomina-os também *Quatro livros dos reis*. Essa divisão foi aceita na Bíblia hebraica somente no fim da Idade Média (1418).

As várias épocas da monarquia são distribuídas de modo muito desigual nos quatro livros.

Uma releitura exílica e pós-exílica

As fontes da obra histórica deuteronomista tradicionalmente eram datadas da época monárquica antiga, não além do séc. VIII. Hoje os autores falam da época que precedeu imediatamente o exílio da Babilônia,

ou então que os complexos mais extensos teriam sido compilados durante esse exílio ou na época pós-exílica. Ainda que os textos tratem de uma temática antiga, é bastante claro que o horizonte dos redatores do Pentateuco, dos livros históricos e dos proféticos é principalmente exílico e pós-exílico. Esses livros refletem, antes de tudo, as fraturas que esse acontecimento trágico ocasionou para Israel, com a perda de sua independência política e o desaparecimento da dinastia que reinava mediante uma promessa divina (2Sm 7). Dessa nova situação, surgem problemas políticos e religiosos inusitados, sobretudo o aparecimento de uma teocracia.

Para o redator, a tradição bíblica não é equívoca: houve uma época em que Israel não fora governado por uma monarquia, e sim dirigido por uma liga de tribos. Trata-se, para ele, de uma época normativa, ideal sob muitos pontos de vista. A monarquia só teria sido introduzida posteriormente sob a pressão de acontecimentos políticos e militares concretos: a necessidade de resistir aos filisteus a oeste e aos vizinhos ameaçadores a leste.

Contexto histórico

Trata-se de uma época vazia e atônica na política dos impérios. No Egito, à série cada vez mais débil dos Ramesidas sucedeu a XXI dinastia, que reina modestamente em Tanis enquanto a casta sacerdotal de Amon governa, de fato, em Tebas. A hegemonia dos egípcios sobre a Síria central e a Palestina não se extinguiu, mas se desintegrava cada vez mais. Na Mesopotâmia, o final do séc. XI é dominado pelo grande Teglatefalassar I da Assíria. Os arameus fundam e consolidam reinos na Síria oriental e chegam a usurpar o trono da Babilônia. Nesse compasso de silêncio podem atuar como solistas sobre o território palestino dois

povos relativamente recém-chegados: os filisteus e os israelitas.

A ameaça a que as tribos se viram expostas não veio dos antigos impérios do Nilo e da Mesopotâmia, nem dos estados periféricos da Transjordânia, nem dos nômades das margens do deserto, nem mesmo dos cananeus. Desses inimigos as tribos israelitas se haviam libertado sob a liderança dos juízes, chefes carismáticos vocacionados por Javé. A grande ameaça veio, dessa vez, dos *filisteus*.

Os filisteus, uma parte do movimento dos povos do mar, haviam avançado até o sul da planície litorânea palestinese na época de Ramsés III e de seus sucessores, e talvez tenham sido assentados ali como colônia militar egípcia. Quando o poder do Egito retrocedeu, restringindo-se à terra do Nilo, eles sentiram-se como sucessores naturais da dominação na Palestina. Começaram então a avançar para além do território de sua pentápole no litoral com o propósito de submeter ao seu controle o resto da região. Inicialmente, não precisavam se preocupar com nenhuma resistência militar séria. Seus príncipes dispunham de uma infantaria fortemente armada (1Sm 17,4-7) e, sobretudo, de comandantes aquinhoados com feudos em troca da obrigação de, junto com seus mercenários, prestar serviços militares a seu príncipe (1Sm 27,2-12; 29,1-11). Com isso, as forças filisteias superaram os contingentes recrutados do exército popular das tribos israelitas, que era de difícil mobilização.

Submeteram rapidamente a seu domínio a planície litorânea até o Carmelo. A situação tornou-se preocupante quando apareceram na região de Colinas (*Shefelá*). O lugar de concentração preferido de suas tropas era Afec (1Sm 4,1; 29,1). Dessa ameaça, que, em contraposição a perigos anteriores, já não era aguda e localizada, mas sim crônica, resultou a formação da monarquia israelita (1Sm 8-11).

Estrutura do livro

Seguindo alguns elementos estruturais, tais como o capítulo sétimo do segundo livro de Samuel e a cronologia histórica dos relatos de Saul e Davi, podemos delinear a seguinte estrutura:

Divisão do Livro

1Sm 1-3	Samuel em Silo
1Sm 4-6	Histórias da arca
1Sm 7-15	Samuel e Saul: a origem da monarquia
1Sm 16-2Sm 1	Saul e Davi
2Sm 2-6	O rei Davi
2Sm 7-12	Reino de Davi: promessa e pecado
2Sm 13-20	O reino de Davi: a revolta de Absalão
2Sm 21-24	Apêndices

A importância de Samuel

Mais do que um simples filho gerado pelos pais, Samuel era fruto de uma oração e de uma promessa. O Senhor da vida demonstra o seu poder precisamente na debilidade, outorgando com sua palavra explícita uma fecundidade que o homem poderia considerar natural. Por isso, a oração de Ana ocupa um lugar central na narração. Uma romaria no princípio e outra no fim delimitam o capítulo primeiro.

O cântico de Ana, por sua vez, insere o nascimento e, portanto, toda a vida de Samuel no contexto das ações salvíficas de Deus. A narrativa quer ser histórica, a história das ações de Deus em favor de seu povo.

O capítulo 3 conta a vocação de Samuel, mas seu protagonista principal é a palavra de Deus. Aparece de modo negativo no início (vv.1 e 7), mas no final do capítulo já penetrou inteiramente na história.

Samuel será o seu mediador, mas é a própria palavra que cria este instrumento humano com seu chamado. A tríplice voz noturna ilumina um contraste: até então Samuel esteve sob as ordens de Heli, ouvia a sua voz; de agora em diante, ele escutará a voz do Senhor, para cumprir e transmitir as suas ordens.

Nesses capítulos iniciais, Samuel aparece como um homem que foi associado ao santuário desde sua infância. Ele cresceu e adquiriu experiência no serviço sacerdotal. Foi destinado a se tornar, na realidade, o verdadeiro sacerdote de Israel. Samuel é capaz desse ministério somente por meio da Palavra que lhe foi revelada. Nesse sentido, une o ministério sacerdotal à vocação profética. Ele se torna um líder espiritual de seu povo; isso significa que recebe ao mesmo tempo um encargo religioso e político. Não houve alguém como Samuel desde o tempo de Moisés. Josué era o sucessor de Moisés, mas nunca foi chamado de profeta ou de sacerdote. Aqui temos alguém que é mais do que Josué. É mais também do que os profetas posteriores, que proclamavam a palavra de Deus, mas permaneciam na periferia da vida do povo. Samuel une em sua pessoa os três múnus de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Por isso, Lc 2,52 descreve o crescimento de Cristo com as mesmas palavras usadas para o crescimento do menino Samuel (1Sm 2,26). O cântico de ação de graças da Mãe de Jesus usa também palavras que encontramos no cântico de Ana, mãe de Samuel.

Sob o aspecto histórico, Samuel é uma figura de transição. Pessoalmente está na passagem dos juízes para os profetas: une em si as qualidades e os deveres dos juízes, dos videntes e dos profetas extáticos; é o primeiro líder que não fala/age por iniciativa própria, mas está sempre debaixo do Espírito e da palavra de Javé. É o intermediário entre as intenções divinas e as expectativas humanas. Está concomitantemente em dois

períodos da história de Israel, isto é, na transição entre os juízes e os reis. A realeza é apresentada como sendo a vontade de Javé e do povo. Saul é ungido chefe por Samuel e sorteado por intervenção sua. Davi é ungido rei. Chefe e rei são, portanto, figuras carismáticas. Os reis do Norte conservarão este caráter carismático. No Sul, a monarquia de Davi será hereditária (cf. 2Sm 7). A realeza humana é reconhecida também por Samuel, que, de início, se lhe opusera. Compete a Samuel, último dos juízes, designar um rei por motivo do perigo filisteu.

Sob o aspecto teológico, Samuel transmite a antiga fé da realeza de Javé: o único salvador, protetor, governador do seu povo, o único libertador do Egito e guia no deserto. A partir dessa premissa teológica da realeza do Senhor, a realeza humana fica delimitada, condicionada e relativizada em múltiplos sentidos.

O próprio rei deve temer a Javé, escutar sua voz, observar o direito divino. Não é a instituição real enquanto tal que decide sobre a salvação ou condenação, mas a fidelidade individual do rei a Javé é decisiva. O rei é representante de Javé-rei somente após um longo período de comportamento fiel à aliança com os seus estatutos.

No campo prático, a contribuição cultual de Samuel consiste na descentralização do culto e na legitimação dos lugares elevados (Mizpa, Rama, Betel, Guilgal). No momento, essa não era uma solução falsa. Depois da construção do templo e com a reforma de Josias (622/21 a.C.), tal costume será radicalmente anulado. No setor querigmático, Samuel traça as grandes linhas da futura pregação profética (= o culto verdadeiro e a aliança; 1Sm 15,22s). Um campo no qual vemos os profetas em atividade desde o início é o da política. Samuel apoia Saul até a sua rejeição definitiva.

Davi

Uma parte da obra narrativa sobre a ascensão de Davi surgiu originalmente de modo não uniforme, num longo processo de crescimento (2Sm 1-5). Nessa segunda fase da formação do Estado teriam sido desenvolvidos os pressupostos para o surgimento da historiografia israelita. De fato, há uma diferença fundamental entre o material de sagas a partir do qual o historiador tem de reconstruir a pré-história e a história primitiva de Israel e as narrativas disponíveis para reconstituir a época da formação do Estado e de períodos posteriores. No relato da sucessão de Davi ao trono, o historiador não depende mais do caminho indireto através da história da tradição, mas se vê de posse de fontes cujo valor historiográfico é bem superior aos monumentos literários da primitiva história de Israel. Isso quer dizer que a literatura histórica de Israel não caiu do céu, não surgiu da noite para o dia, mas foi desenvolvida a partir de possibilidades de pensamento histórico já existentes na época pré-estatal.

Davi é uma figura idealizada, formada pela história e pela lenda, pela memória e pela fantasia, sem que seja possível separar esses componentes. Provavelmente, muito cedo surgiram tradições divergentes sobre sua vida e sobre suas façanhas, que o autor dos livros de Samuel não pôde descartar nem conseguiu harmonizar. O Davi guerreiro e o Davi músico produzem duas versões de sua chegada à corte de Saul. O Davi pastor e o chefe militar se harmonizam em etapas sucessivas. A essas narrativas sobre Davi se foram sobrepondo novas variações ou complementos, segundo as condições históricas de seus sucessores ou a reflexão teológica das escolas que reelaboraram os textos já existentes. Assim, encontramos um Davi teólogo que, em meio à ação narrativa, revela em sábios discursos o sentido religioso dos fatos. Por trás das simplificações de um olhar

distante, por entre os ornamentos épicos e líricos, se entrevê uma vida cheia de aventuras que desemboca no trono e numa dinastia estável. Esse processo, pensam os autores, foi assumido e dirigido por Deus para salvar o seu povo. Assim, no emaranhado dos fatos surgem narrações esclarecedoras: a eleição de Natã referendando a nova monarquia. Esse modo de projetar no passado e no futuro mostram a visão superior dos autores bíblicos e sua tranquila certeza em interpretar os fatos. Em suas palavras se revela a salvação, que aos poucos se foi realizando nos fatos.

Saul e a origem da monarquia

1Sm 8-11(12) apresentam duas versões discordantes da instituição da monarquia: uma negativa e a outra positiva. Segundo a primeira versão (1Sm 8,1-22a; 10,17-27; 11,12-14; como apêndice, o capítulo 12, a monarquia é uma veleidade do povo desconfiado e infiel a seu Deus e Salvador. O povo deseja imitar as nações vizinhas. Diante de tal desejo, Samuel reage defendendo a autoridade de Deus e acusando o povo. Israel deve aceitar o Senhor como seu único rei e confiar nele em sua vida política e militar. O profeta será o intermediário capaz de conhecer a vontade de Deus dirigindo a história. Renunciar a essa dependência é desconfiar do Senhor para confiar em instituições humanas. A monarquia se voltará contra o povo com suas exigências despóticas. Não seria exagero de Samuel? Pedir um mediador estável não é rejeitar ao Senhor.

A outra versão (1Sm 9,1-10,16; 11,1-11,15) olha a monarquia como uma inovação providencial, querida por Deus para endereçar por novas vias a história do povo. Em relação aos juízes o rei apresenta dois elementos novos: o princípio dinástico e a concentração e unificação do poder. O primeiro assegurou a continuidade. O segundo foi uma necessidade, como provaram os fatos recentes da vida do povo. O livro conta que Samuel

ungiu o novo rei, o povo o aclamou, e ele começou bem a sua tarefa.

Saul inaugurou o reino em Israel, mas um homem que tem por missão governar o povo de Deus deve ser animado pela graça de Deus, chamado por Ele, um instrumento em suas mãos. Isso Saul não consegue ser. A história do início do reinado apresenta também uma avaliação teológica sobre o sentido do reino em Israel. Somente o homem sobre o qual repousa o espírito do Senhor (cf. Is 11,2) pode ser rei em Israel. O primeiro rei é como um sinal apontando para a verdadeira função régia, mas também é um sinal que mostra como o homem pode se desviar dessa função e arruinar-se.

Naturalmente, o Estado de Saul não era uma criação profana. Javé era o Deus nacional. Não se pode dizer que houve uma ruptura com as tradições de Israel no período da formação da monarquia. O papel que se atribui a Javé na fundação da monarquia, sua iniciativa na eleição do rei, o íntimo relacionamento com o sistema carismático pré-estatal, ainda permitem percebê-lo claramente. De maneira geral, Saul não teve êxito no trato com as tradições religiosas de Israel. Mostram-no as tentativas, feitas em diversas épocas, de fundamentar teologicamente o fracasso de Saul: sua rejeição por Javé. Uma das razões para o princípio do fim de Saul é expressa pela consciência de Israel da seguinte forma: *O Espírito do Senhor retirou-se de Saul, e um espírito mau veio sobre ele* (1Sm 16,14s; 18,10-12; 19,9s). Isto significaria que as funções profanas da monarquia entraram em conflito com as tradições sacras de Israel e que Saul não esteve à altura do conflito. Tornou-se também evidente que o carisma não é um dom vitalício: como havia sido concedido, também poderia ser retirado, inclusive do rei.

As fontes literárias bíblicas de fato demonstram pouco interesse direto pelo primeiro rei de Israel. Só o mencionam para sustentar a

tese de que sua eleição constituiu um ato ímpio da parte do povo (1Sm 8.10,17-27), que assim rejeitava a soberania divina. Trata-se de um texto que serve de chave de leitura para dois outros capítulos, 9 e 11, mais antigos e originalmente favoráveis à eleição: no primeiro, temos um relato romanceado da designação de Saul pela mediação de Samuel, que cumpre uma ordem divina; no segundo, a primeira e decisiva vitória de Saul contra os amonitas a leste, ao libertar do assédio amonita a localidade de Jabes de Galaad, na Transjordânia. Após essa vitória, Saul teria sido aclamado rei pelo povo, revelando-se, assim, um chefe de cunho carismático. No texto bíblico atual, esse fato é visto apenas como um desenvolvimento da seção precedente, claramente antimonárquica e contrária a Saul. Além disso, fala-se de dele unicamente em função de Davi, a personagem em ascensão.

A segunda parte dos relatos sobre Saul coincide com a ascensão de Davi ao reino. Assim o primeiro é suplantado pelo segundo também do ponto de vista literário. No texto bíblico atual, temos uma narrativa filodavídica, em que a pessoa de Saul e seu relacionamento com Davi foram romanceados e dramatizados. O primeiro rei de Israel é apresentado como um personagem de tragédia grega: indigno, sem ser verdadeiramente culpado, perturbado em seu equilíbrio psíquico em consequência de acontecimentos que ultrapassaram sua capacidade de agir adequadamente. Ele aparece numa luta contínua com aquele mesmo Deus que o tinha escolhido e mais tarde o rejeitou. A sua substituição era, portanto, uma questão de tempo, sobretudo quando a pessoa destinada à chefia do reino já estava pronta: Davi, um corajoso combatente, a princípio em legendárias proezas e, depois, um hábil comandante. Dada à instabilidade mental do rei, a ruptura entre ele e Davi só podia levar à ruína de Saul, o mais frágil de caráter e o menos capaz politicamente.

Segundo alguns historiadores, a apresentação bíblica da pessoa de Saul não é histórica, mas foi transmitida nos moldes de uma tragédia literária ou de um romance histórico. O pouco que seria historicamente aceitável o mostra bastante diferente: um comandante que com poucas mas bem dirigidas operações militares conseguiu, primeiramente, repelir a ameaça amonita a leste, em seguida, libertar o planalto da ocupação filisteia e, depois, subjugar as populações inimigas autóctones. A derrota de seu exército e a morte que teve numa batalha nos limites do planalto assinalaram o fim de sua obra.

Parece pouco verossímil, do ponto de vista histórico, a tese apresentada no texto bíblico atual sobre a ascensão de Davi ao trono, segundo a qual Saul, um louco, um maníaco, vítima de depressão psicológica, dado a *raptus* homicidas e a outros comportamentos irracionais, pode continuar revestido da suprema magistratura do reino. Parece duvidoso o caráter original do relato que combina a ascensão de Davi ao trono com o declínio psíquico de Saul.

Davi partiu de Siceleg no Neguev e estabeleceu-se em Hebron, onde foi coroado rei. Mais tarde, manobrando com habilidade em meio a uma posição favorável que lhe permitia o seu relacionamento com os vencedores filisteus e a derrota militar do Norte, conseguiu sete anos e meio depois assumir a realeza também sobre o Israel do Norte. Os filisteus viam em Davi um vassalo (1Sm 27; 28,1-2; 29), que lhes possibilitaria exercer sua influência numa região contestada.

Com todos esses episódios foi composta mais tarde uma notável obra literária, que faz de Saul um herói trágico, destinado a cair porque representa o passado, e de Davi o homem em ascensão, porque representa o futuro. Jamais saberemos onde termina o relato histórico e onde começa sua transfiguração poética.

ESTUDO DO PRIMEIRO LIVRO DE SAMUEL

.....

I - HELI E SAMUEL (1-7)

Nascimento de Samuel

Nascimento de Samuel (1Sm 1,1-28). Abre-se o Primeiro livro de Samuel com a história do nascimento do personagem central da obra, e que dá o nome ao livro. O nascimento de Samuel ajusta-se muito bem no gênero literário “nascimento de heróis”. Entretanto, a intenção do autor não é tanto a de salientar as condições extraordinárias desse nascimento: é trazido à luz por uma mulher estéril, amada por seu esposo, mas repudiada e humilhada pela outra mulher fecunda, a outra esposa de seu marido. A verdadeira intenção é ilustrar o estado em que se encontra a própria história do povo, um povo ao qual Deus ama, mas que não produz os frutos esperados desse amor, dessa relação. Já de início percebe-se sentido profético do livro, que com certa razão figura no cânon hebraico entre os profetas. Israel tem de sentir a rejeição e a zombaria de outros povos e deve voltar-se para o Senhor com fé e confiança, pois é possível que o Senhor tenha piedade e o torne fecundo. Assim como Ana, embora estéril, concebera um filho, Israel, também na esterilidade de sua decadência social, religiosa e política, pode evoluir para algo coerente com o projeto da justiça e da vida, ao qual o Senhor o chamou.

Canto de Ana (1Sm 2,1-10). Em sentido estrito, este cântico pode

denominar-se “salmo real”, visto que se inspira na vitória de um rei e, além disso, porque o versículo final revela quem o canta: o rei, o ungido do Senhor. Tratar-se-ia, portanto, de um canto composto na época da monarquia, e o redator final do Primeiro livro de Samuel situa-o aqui e o coloca nos lábios de Ana que acaba de obter uma vitória: a infecundidade, sinal de morte, de rejeição, de humilhação, o Senhor a converteu em fecundidade, sinal de vida. Salienta-se a confiança no poder do Senhor e o fracasso dos prepotentes e poderosos que colocam a confiança em suas próprias forças. O soberbo sempre vai fracassar, mesmo que por algum tempo tudo pareça a seu favor. Reconhece-se a total soberania de Deus, quem no final de tudo dirige o curso das ações, não porque desconheça a liberdade humana, nem porque tenha interesse algum em entorpecer a ação do homem, mas porque a experiência histórica ensina que jamais os planos de morte podem anular o plano de vida que de algum modo sempre está presente. É o mesmo sentimento e a mesma visão que Lucas coloca nos lábios de Maria quando canta as ações justas de Deus acima das ações injustas dos homens no *Magnificat*.

Samuel e Heli (2Sm 2,11-36). O jovem Samuel, sinal da vida nova e da época nova para a qual devia orientar-se a vida de Israel, ia crescendo e sua conduta agradava tanto ao Senhor como aos homens (v.26). Em contrapartida, o narrador descreve o comportamento pecaminoso dos filhos de Heli, sacerdote legítimo e bom, mas que não pode fazer nada para que a instituição como tal recupere seu sentido original. Desse modo, os filhos de Heli são a encarnação de uma instituição, a religiosa, em decadência, cujas obras, o tríplice pecado de seus representantes - pecado contra o culto, contra as mulheres que serviam no santuário e contra seu pai, máxima autoridade da instituição, comprometem a estabilidade não só religiosa, mas também sociopolítica do povo. Assim o interpreta o

profeta anônimo e inesperado que anuncia o fim de Heli e de seus filhos. Fica, desse modo, descrito e ilustrado o sentido simbólico que a história pessoal de Ana possui. O julgamento que faz a corrente deuteronomista (**D**), responsável por essa releitura histórica dos livros de Samuel, é que uma instituição tão importante para a vida de Israel como a religiosa não produziu os frutos esperados e, portanto, era necessário dar passagem a novos atores que estivessem mais afinados com a vontade divina. Aí está Samuel, crescendo na presença do Senhor. Contudo, também seus filhos serão, no futuro, protagonistas da decadência e da ruína da instituição que representam. Perguntaríamos, neste ponto: definitivamente, o que precisaria ser mudado, quando começam a aparecer os primeiros traços de decadência: os atores ou as instituições e suas estruturas? Para nós hoje, que contamos com critérios novos e com a luz do Evangelho de Jesus, embora possa parecer doloroso, o caminho lógico é conseguir que as instituições e as estruturas mudem, para que deem passagem a formas novas de vida. Entretanto, a mudança, ou a queda das estruturas decadentes e inamovíveis, tem de começar no íntimo das pessoas, porque uma mudança institucional e estrutural não acontece por si só, nem por mais oráculos, nem ameaças, nem decretos. Só existe mudança quando as pessoas decidirem mudar por dentro, quando se chega à consciência clara de que “para vinho novo, odres novos” (Mc 2,22).

Vocação de Samuel (2Sm 3,1-4,1). Continua o contraste entre a decadência religiosa encarnada nos filhos de Heli e o florescimento de uma época nova, encarnada no jovem Samuel. O tríptico chamado ao qual Samuel responde, dirigindo-se ao ancião Heli, ilustra de certo modo a desorientação e a incerteza com as quais avança o povo. Com toda razão pode-se afirmar que nesta passagem os protagonistas não são nem Heli, nem Samuel. Protagonista é a Palavra de Deus, que irrompe

na obscuridade, nas trevas e na vida recém- iniciada do jovem Samuel. Trata-se, portanto, da Palavra de vida que chama a seu serviço. Samuel, que esteve às ordens de Heli, passará agora a servir exclusivamente a essa Palavra. É o próprio Deus que chama esse instrumento humano para fazer coisas novas. Samuel, então, adquire renome em todo o Israel, de norte a sul, não por si mesmo, mas por seu serviço à Palavra. Como profeta acreditado, conhece a vontade de Deus, seus desígnios, e por intermédio dele todo o Israel também pode conhecê-los.

Vitória filisteia (2Sm 4,2-11). A partir deste momento, e até o cap. 6, encontraremos várias referências à Arca da Aliança como figura central da narrativa. Trata-se de uma maneira de se referir à presença de Deus no meio de Israel, mas parece que nem sempre a Arca está acompanhada dessa presença divina. Precisamente nesta passagem fica registrado como Israel fracassa duas vezes na guerra contra os filisteus. Na primeira derrota, uma vez, porque vai para a luta sem ela; a segunda vez, mesmo recorrendo a ela e levando-a para o campo de batalha, a presença de Deus não está ali. É lógico que Israel tivesse de sofrer essas derrotas sucessivas, porque pouco a pouco foi se esquecendo dos compromissos como povo. A qualidade do projeto da justiça, base principal da Aliança, foi degenerando e, portanto, não estava em condições de enfrentar a belicosidade externa. Não se trata de uma ausência real de Deus e sim da maneira do narrador ensinar que quando o povo se afasta de seu Deus necessariamente seus empreendimentos fracassam. Eis aí a resposta à comovente interrogação dos anciãos do povo: “Por que nos deixou o Senhor sermos batidos hoje pelos filisteus?” (v.3). A segunda derrota é muito mais estrondosa que a primeira e com consequências muito mais funestas: a Arca foi capturada pelos filisteus e, com isso, pode-se dizer que o inimigo recolheu a maior presa de guerra, porque deixou órfão

Israel. O sinal da consequência da ausência da Arca é a morte dos filhos de Heli.

Morte de Heli (1Sm 4,12-22). Alinhada com a corrente de infelicidades que a ausência da Arca acarreta, narra-se a morte de Heli ao receber a notícia desse insucesso perante os filisteus, e a de sua nora no momento de dar à luz antes do tempo. O nome do neto de Heli está carregado de simbolismo: “Sem- glória”, a glória de Deus foi desterrada de Israel, o impacto para o povo será verdadeiramente mortal, mas pedagógico.

5,1-5 A Arca no templo de Dagon. A presença da Arca em território filisteu e mais concretamente no santuário de Dagon, deus dos filisteus, transforma-se em sinal de ameaça, primeiro para a própria divindade filisteia, depois para o próprio povo. Note-se a sutileza com que se ensina quem é o verdadeiro e único Deus. Durante dois dias consecutivos os habitantes de Azot encontram a estátua de seu deus caída diante da Arca, no segundo dia encontram-na inclusive mutilada, destruída. Segundo a maneira de pensar da época, os filisteus devem ter acreditado que, ao derrotar Israel e depois capturar seu maior símbolo religioso, também haviam derrotado o Deus de Israel, por isso levam para o santuário de Dagon a Arca e colocam-na aos pés do seu deus, como troféu da vitória. Não obstante, aqui as coisas mudam: se os filisteus derrotaram Israel, o Deus vivo de Israel submete e domina Dagon. Os vv. seguintes narram a vitória do Deus de Israel sobre Dagon e o povo filisteu.

A Arca em território filisteu (1Sm 5,6-6,1). A presença da Arca de Deus transformou-se em um verdadeiro castigo para os filisteus, os quais, transportando-a de um lugar para outro, não conseguiam mais que aumentar a infelicidade de seu povo. O Deus de Israel decididamente não está a favor dos filisteus que, forçosamente, têm de se desfazer da Arca para afastar o perigo.

Devolução da Arca (1Sm 6,2-7,17). O povo filisteu e seu deus não podem suportar por mais tempo a presença da Arca em seu território, e têm de recorrer a seus sacerdotes e adivinhos para que digam a maneira de proceder com relação a ela. A narração da saída da Arca do território filisteu, das condições de seu transporte e da indenização que se deve pagar, reflete a mentalidade sacerdotal de Israel. Note-se que desde o cap. 4 a grande protagonista da narrativa é a Arca. Samuel não se faz ouvir. A Arca se moveu daqui para ali, e seus movimentos foram causando verdadeiros estragos. Que é que a corrente deuteronomista (**D**) quer ensinar com essas cenas? Não esqueçamos a decadência religiosa, social e política que caracteriza esse momento histórico de Israel; seu projeto de sociedade tribal, solidária e igualitária perde cada vez mais significação, e não se sabe qual será definitivamente o destino sociopolítico do povo. Tal desestabilidade pode ser vista nos movimentos da Arca, que produzem diversos impactos, como se Deus estivesse manifestando algo, sua vontade, mas ninguém entendesse, ninguém explicasse; a Palavra não se revela ainda com suficiente clareza. O significado “Não glória” do nome do recém-nascido neto de Heli exprime o divórcio, a ruptura do compromisso de Israel e o estilo e qualidade de vida que nesse período experimenta. A Arca retorna para Israel, mas seu regresso não produz automaticamente a bênção, isto é, ninguém sabe o que fazer. O projeto do povo sacramentado na Arca da Aliança está totalmente paralisado, e agora sim é que aparece Samuel como alguém que de algum modo tem de expressar o que está faltando em Israel, um porta-voz de Deus que explique, que esclareça, que seja a voz da consciência do povo. Suas primeiras palavras são precisamente o que o povo necessitava para desenredar seu destino histórico: “Se voltardes de todo vosso coração para o Senhor, tirando do meio de vós os deuses estranhos (...), ele

vos livrará das mãos dos filisteus” (1Sm 7,3), como fica constatado imediatamente em 1Sm 7,7-15. Contudo, não se trata apenas da libertação da ameaça de um povo mais forte que Israel; a conversão e o abandono do serviço a outros deuses abre de novo o horizonte para retomar o caminho acompanhado de novo por seu Deus. Paulo lhes teria pregado sobre a necessidade de abandonar o homem velho para dar passagem ao homem novo (cf. Ef 4,22-24). Jesus teria exigido deles o nascer de um novo espírito (cf. Jo 3,3-7). O período que resume 1Sm 7,15 mostra a volta ou conversão que precisava ser feita por Israel, como foi essa volta e que qualidade de vida e quais deviam ser seus compromissos. Os capítulos seguintes vão ilustrar isso.

Os israelitas pedem um rei (1Sm 8,1-22). A monarquia. A instituição dos juízes, último estágio na vida de Israel representado por Samuel, começa também sua etapa de decadência e de desaparecimento. Acertadamente, descreve-se em poucas linhas o que causou essa decadência e perda de qualidade do projeto sociorreligioso: Samuel nomeou como juízes seus filhos, que não se comportaram como ele. Atentos somente ao proveito próprio, aceitavam suborno e julgavam contra a justiça (vv.1-3). Da instituição do regime monárquico o livro nos dá duas versões discordantes: uma negativa e outra positiva. Samuel se opõe ao pedido do povo. Israel deve ter o Senhor por seu único rei, deve confiar nele em sua vida política e militar. O profeta será o intermediário que fará conhecer em cada caso a vontade de Deus dirigindo a história. Além disso, a monarquia se voltará contra o povo por suas exigências despóticas. Samuel narra ao povo o que significa ter um rei: escravidão, mais do que libertação. Recordemos que quando o autor quer falar, costuma fazê-lo pela boca de algum de seus protagonistas. Mas Samuel não está exagerando? Um mediador humano não desbanca a soberania do Senhor.

O rei é o defensor do povo diante da prepotência dos poderosos, é garantia da justiça e defensor na guerra. Isso justifica a outra colocação e os fatos o comprovam. O livro conta que Samuel o ungiu, o povo o aclamou, o rei começou bem sua tarefa salvadora. Para explicar a presença das duas visões opostas no livro, alguns propõem uma sucessão temporal. No tempo de Salomão redigiu-se a versão positiva, favorável a Davi, prolongando a consciência pré-monárquica do final dos Juízes. À medida que crescia a oposição de vários profetas a vários monarcas foi-se consolidando a posição hostil ou crítica, representada no livro por Samuel. No cap. 8 assistimos, então, à versão antimonárquica na forma dramática de diálogo. Para o povo, o rei representava um governo firme e defesa militar. Para Samuel, representava impostos e servidão. O drama consiste em que ambos têm razão. A verdadeira liberdade e segurança estão em reconhecer e servir ao Senhor, que liberta e não escraviza. Só quando o rei for servo do Senhor a serviço da comunidade protegerá sem escravizar (cf. Dt 17,14-20). É preciso recordar a história de José atingindo seu ápice em Gn 47,25: “Tu nos salvaste a vida (...) seremos de bom grado escravos do faraó”.

Samuel e Saul (1Sm 9,1-25). O relato da eleição e unção de Saul nos transfere para um mundo de simplicidade e de vivacidade aldeã, em forte contraste com as deliberações formais do capítulo anterior. As jumentas perdidas, o pagamento para o profeta, as aguadeiras, a espádua no banquete, a esteira no terraço definem a tonalidade da narração. Nesse ambiente, destaca-se a figura corpulenta e ingenuamente ignorante de Saul e o saber milagroso de Samuel, que lhe permite adiantar-se aos fatos e pronunciar palavras enigmáticas. O argumento parece desenvolver-se casualmente, em força de coincidências; mas o acidental encaixa-se no plano de Deus, que se realiza por etapas e revela-se a Samuel passo a passo.

9,26-10,16 Unção de Saul. Sem muito luxo, Samuel unge Saul. Não lhe comunica o que é inerente aos deveres do ungido; faz isso depois de um certo tempo (10,8). Nesse momento, Saul deve estar atento a certos incidentes, os quais de um modo ou de outro comprovarão as palavras do profeta.

Escolha do rei por sorteio (1Sm 10,17-27). Depois da passagem da escolha e unção particular de Saul por Samuel (9,26 - 10,16), pode-se pensar que o relato ou está demais ou se trata de um ato pouco sério de Samuel, que convoca o povo para nomear o rei requisitado. O que Samuel faz é uma farsa, pois ambos sabem que Saul não só já foi escolhido, como também ungido. Todavia, assim não é, pois o que acontece na realidade é que se trata de duas versões, duas tradições sobre a escolha e unção de Saul como primeiro rei de Israel, as quais aparecem aqui uma depois da outra. Ao que parece, a primeira versão é a que defendeu a instituição da monarquia como a melhor saída para a problemática e para a decadência da instituição dos juízes, que já não se comportavam como Samuel (1Sm 8,3). Seria, então, a busca de recuperação da justiça social. A segunda tradição, à qual corresponde a versão do modo como é escolhido e ungido Saul, responde a um enfoque de caráter nacional. Israel enfrenta as ameaças de outros povos vizinhos mais fortes e poderosos, sem que ninguém o defenda. A monarquia devia ser o remédio para libertá-lo dessas ameaças. Saul conta desde sua eleição com uma parte do povo que o apoia, mas também com outro setor que o rejeita e desconfia dele: “Quem vai salvar-nos, esse aí?”

Saul vence os amonitas (1Sm 11,1-15). Saul já eleito e ungido continua seus trabalhos agrícolas, modo típico de agir dos juízes. Quando surgia um novo juiz, este não mudava seu *modus vivendi*, pois não havia estruturas, nem cidade, nem palácio, nem corte que circundariam a instituição. O

quadro propício para a inauguração da monarquia e coroação do rei é a vitória de

Saul sobre os amonitas, com o que Samuel perde definitivamente importância social e dá passagem a uma nova época, a da monarquia. Os que não acreditaram que Saul poderia salvá-los tiveram de engolir suas palavras.

Despedida de Samuel (1Sm 12,1-25). Depois da primeira vitória e da inauguração solene do reino, ou seja, no momento em que Samuel tem sua autoridade reduzida, o autor do livro insere uma de suas sínteses teológicas, colocada na boca de um personagem importante. O conjunto das cerimônias de despedida consta dos seguintes elementos: juramento de inocência (vv.2-5); requisitório (vv.6-15); teofania que a confirma (vv.16-18); confissão do pecado (v.19); exortação conclusiva (vv.20-25).

Ameaça filisteia - Samuel condena Saul (1Sm 13,1-15). A impaciência de Saul, que espera Samuel, e o medo dos israelitas perante a ameaça filisteia levam-no a exercer um ministério que não lhe correspondia, embora fosse o rei: o religioso. Isso acarreta a condenação por Samuel, ameaça divina de encurtar seu reinado e o anúncio da escolha, por parte de Deus, de outro homem para o reino, alguém que tivesse um perfil mais adequado à vontade divina. Poderíamos dizer que este breve diálogo entre Samuel e Saul é a justificação teológica que a corrente deuteronomista (D) apresenta para a ruína de Saul por parte do partido liderado por Davi, ou ao menos pela perda de importância de Saul, representante da monarquia, aos olhos de Samuel, representante do decadente período dos juízes.

Saul e Jônatas (1Sm 13,16-23). Termina o capítulo com a descrição dos modestos meios com os quais Jônatas, filho de Saul, pretende enfrentar a ameaça filisteia. Os dados sobre o imposto que os hebreus deviam

pagar - e os outros povos vizinhos - aos filisteus pela adequação de seus instrumentos de ferro indicam o meio pelo qual a Filisteia controlava a região e tinha poder sobre um sem-número de povos pequenos, porque dominava a tecnologia do ferro. Pensemos em nossos países empobrecidos, submetidos também às tecnologias estrangeiras: isso seria correto aos olhos de Deus?

Coragem de Jônatas (1Sm 14,1-52). Neste capítulo vê-se a intenção de exaltar a figura de Jônatas, ao passo que o papel de Saul é menos feliz. Os filisteus encontram-se em uma elevação escarpada, que desaconselha um ataque frontal. O jovem príncipe aproveita-se dessa circunstância para empreender um ataque surpresa. Sua façanha desencadeia uma batalha de certa amplitude e uma vitória importante para os israelitas. Jônatas atreve-se a criticar uma decisão de seu pai e atrai para si o favor do povo: é o herói do dia. A narração distingue-se por ter sido bem planejada. Enquanto outras costumam ir dando informações à medida que lhe pede o desenvolvimento, esta adianta os elementos essenciais da situação.

Saul é rejeitado (1Sm 15,1-35). Neste capítulo, Samuel apresenta-se com autoridade profética, definindo as coordenadas do capítulo: o ungido tem de estar à disposição de seu soberano, e essa missão concretiza-se agora em uma ordem específica. Desde o princípio sabemos que para Saul está em jogo seguir seus próprios planos políticos ou aceitar sem reserva o plano de Deus. Saul continuará agindo como rei, mas seu reino começa a dividir-se e não passará para um sucessor de sua família. É fácil entender a sentença de Samuel. “Rejeitaste a Palavra do Senhor, por isso o Senhor te rejeita” (v.26). É difícil compreender a causa de tão dura condenação. É justo acabar com todo um povo, inclusive mulheres e crianças, por um crime cometido há séculos? Quando as guerras são produtivas, porque terminam em saques, porque dão mulheres e crianças

para o trabalho e para a escravidão, um povo pode sentir-se tentado a declarar a guerra simplesmente por interesse: essa guerra seria um ato de banditismo legalizado. Quando está proibida toda espécie de saque, a guerra não será tentação, só se empreenderá em legítima defesa. Esse resultado secundário da lei do extermínio total é bom; mas justifica tal extermínio? E se a guerra tem por finalidade executar uma sentença, por que devem pagar os justos pelos pecadores? E se admitimos que acidentalmente os inocentes sofrem, não como culpados castigados, mas como membros de um corpo social de cuja sorte participam, por que, concluída a guerra, deve-se executar o extermínio total? Esse é o problema que o presente capítulo e outros semelhantes do Antigo Testamento apresentam. À luz do ensinamento de Cristo, a ordem de Samuel nos desconcerta, nos repugna. Olhada como etapa superada na história da revelação, ainda não chegamos a compreendê-la. O mais que nos ocorre é isto: o Senhor escolhe um povo, com seus costumes e instituições, para conduzi-lo lentamente a níveis mais altos e puros. O Senhor da vida, que não anula simplesmente a mortalidade infantil, que castiga os pais nos filhos até a quarta geração, que não impede os acidentes mortais nem as catástrofes naturais, aceita provisoriamente uma instituição guerreira que causa a morte de inocentes. O autor sagrado transforma essa aceitação genérica em um mandamento concreto e formal ao narrar a história. De resto, Saul não acabou com os amalecitas, como o demonstra a presença deles em tempos posteriores: 1Sm 27,8; 30,2 (cf. 1Cr 4,43); embora fique claro que Amalec desapareça como povo autônomo. Mas não procuremos dissimular o pasmo nem reprimir o protesto.

Davi ungido rei (1Sm 16,1-13). A volta que a instituição monárquica em Israel vai dar estava já de certa maneira anunciada em 1Sm 13,14; 15,28, de maneira que este relato é a confirmação desse anúncio. É doutrina

clássica que Davi foi eleito expressamente pelo Senhor. O primeiro aparecimento de Davi no livro ajusta-se a essa doutrina graças ao recurso literário da antecipação: a unção, que provavelmente veio sancionar um processo já previsto, coloca-se na primeira juventude ou adolescência de Davi, na primeira página de sua história. O Senhor toma a iniciativa, Samuel é o executor oficial, o povo não importa. Comparemo-la com a eleição de Saul: iniciativa dos israelitas, viciosa desde o começo, aceita por Deus como concessão tolerante. No caso de Davi, o Senhor aceitou o princípio monárquico e o toma em suas próprias mãos. O contraste está ligeiramente assinalado com a apresentação do primeiro eliminado: Eliab era de boa aparência e grande estatura - como Saul - mas por dentro não era como o Senhor queria - também como Saul. No descobrimento do escolhido, o autor emprega o conhecido motivo do irmão menor que se antepõe a seus irmãos mais velhos, tão comum no folclore hebraico, e que de todas as maneiras procura ensinar que Deus não pensa como pensam os homens, porque não se fixa em aparências.

Davi na corte de Saul (1Sm 16,14-23). Começam a se entrelaçar os fios dos dois personagens centrais destes capítulos, Davi e Saul. Diz-se de Davi que depois de sua unção o Espírito do Senhor o invadiu e permaneceu com ele daí em diante (v.13). A Saul tudo aconteceu ao contrário, um espírito mau o agitava e somente a música o acalmava. Para esse ofício é trazido Davi, o único que pode acalmar o rei com a harpa. Segundo a narração, Saul ainda ignora que Davi foi já ungido por Samuel como novo rei de Israel. Os capítulos seguintes mostrarão diversas imagens através das quais se vai ilustrando o destino político de ambos os personagens: a decadência de Saul e a carreira ascendente de Davi, que culminará com sua elevação definitiva ao trono como rei.

Davi e Golias (1Sm 17,1-58). A história de Davi e Golias apresenta

suas dificuldades. Primeiro, o relato desconhece tudo o que se disse anteriormente: Saul ainda não conhece Davi. Segundo, de acordo com 2Sm 21,19, é Elcanã de Belém, um dos campeões de Davi, que mata o filisteu Golias de Get; poderia se pensar em uma vitória de Davi sobre um soldado filisteu que a tradição confundiu com outro. Por outro lado, a vitória sobre Golias supõe-se em 1Sm 19,5; 21,10; 22,10.13. Apesar das dificuldades, o autor do livro tinha razão ao conservar este capítulo: é uma narração clássica. Clássica porque se incorporou à tradição ocidental como uma das páginas favoritas do Antigo Testamento. Junto da construção precisamos considerar os personagens. Das duas multidões apresentadas no princípio destacam-se dois: Golias e Davi. Isso significa que Saul está largado na multidão de Israel, com a qual confunde no medo (v.11). O lógico é que Saul tivesse saído para responder ao desafio de Golias: este chama a si mesmo “o filisteu”, a Saul caberia ser “o israelita”. Retirado de sua tenda, deixa o protagonismo a Davi, que enfrenta Golias, representantes dos dois povos e exércitos. Existe outra oposição que percorre todo o relato e é mais significativa: o contraste do guerreiro e do pastor. A figura pastoril de Davi é o *leitmotiv* do episódio.

O motivo do pastor tem dois complementos; por um lado, a insistência em sua pequenez e juventude (1Sm 17,14.28.33.43.55.56); por outro lado, o apoio divino. Além disso, possui um intenso valor simbólico. O pastor cuida de suas ovelhas, defende-as das feras. O rei deveria cuidar de seu povo defendendo-o do inimigo: rei/pastor, povo/rebanho, inimigo/feras. Saul não é capaz de cumprir sua obrigação; Davi a cumpre, mostrando sua capacidade de reinar. O pastor assume o cuidado do povo e o defende do inimigo.

Inveja de Saul (1Sm 18,1-16). Este capítulo reúne notícias e episódios diversos ligados pelos dois temas que se opõem: o sucesso crescente de

Davi e o temor crescente de Saul. A oposição produz um movimento dialético, porque precisamente o medo de Saul provoca o sucesso de Davi e vice-versa. O êxito de Davi é geral e rápido: o filho do rei afeiçoa-se a ele, a filha do rei enamora-se dele, ele se dá bem com a tropa, estimam-no os ministros, querem-lhe bem os de Judá e os de Israel; triunfa na guerra, escapa de um atentado; o Senhor está com ele. Saul, por sua vez, na raiz do triunfo sobre Golias, irrita-se, depois teme, sente pânico, atenta contra a vida do seu desafeto, torna-se seu inimigo. Este capítulo não é um modelo de imparcialidade. Saul tinha medo de algo: o princípio monárquico era recente em Israel e o princípio dinástico ainda não havia se manifestado. Saul tinha sido aceito por suas vitórias militares, mas agora havia outro que o superava nesse terreno; o povo podia muito bem escolher para si outro monarca. Além do mais, Saul já havia tomado posição contra Davi. A essas razões objetivas uniu-se o processo patológico sofrido pelo rei.

Davi, genro de Saul (1Sm 18,17-30). Apesar do medo e do ciúme que Saul sente por Davi, seus planos são torná-lo seu genro. A ideia é que Saul, apesar de querer desaparecer com seu rival, prefere não atrair contra si a represália do povo em razão da grande popularidade de Davi, daí que decide mantê-lo no seu exército para os filisteus, que devem matá-lo. Não obstante, desde a unção de Davi ao trono, repetidas vezes foi dito que o Espírito de Deus estava com ele, ao passo que o Senhor havia se retirado do lado de Saul e o afligia um espírito mau. A carreira política de Saul cai cada vez mais em declínio, ao passo que a popularidade de Davi, pela maneira como sai vitorioso de cada confronto contra os filisteus, segue em franco progresso. Contudo, Davi começa a fazer parte da família real graças à decisão de Saul de entregar-lhe sua filha Micol, fazendo-o assim seu genro.

Saul e Jônatas (1Sm 19.1-10). Jônatas intercede diante de seu pai

em favor de Davi. Seu recurso é a palavra, naturalmente apoiada em seu amor por Saul e por Davi: tem de livrar Davi da morte e seu pai do crime. Seu brevíssimo discurso é uma densa apologia: Davi é inocente, seria injusto fazer-lhe mal; Davi é um benfeitor, seria injusto não lhe dar a devida paga; Davi tem sido instrumento do Senhor, seria perigoso atentar contra ele. Jônatas enuncia aqui o grande tema dos capítulos posteriores: a tergiversação entre Davi e Saul a respeito da inocência e da culpabilidade de ambos. Os vv. 8-10 são um paralelo de 1Sm 18,10s, tradição que narra a tentativa homicida de Saul contra Davi.

Micol salva Davi (1Sm 19.11-17). Este breve relato narra outra tradição sobre as tentativas de Saul de eliminar Davi. Parece que não conhece, ou não leva em consideração o juramento que havia pouco tempo fora feito por Saul em 1Sm 19,6. Eram duas tradições populares sobre o mesmo assunto, rivalidade e ciúmes de Saul para com Davi. Na primeira tradição o salvador de Davi é Jônatas, primogênito do rei; na segunda, é também alguém de sua própria casa, a filha, esposa de Davi, que salva o perseguido, enganando seu próprio pai. Por trás desses relatos, deve-se ver a posição que o redator ou redatores finais fixaram: Davi é assistido por Deus, Saul já não conta com essa assistência e tudo o que faz é acelerar cada vez mais sua queda.

Saul em transe (1Sm 19.18-24). No meio das tensas relações entre Saul e Davi, recorda-se mais uma vez a tradição sobre um contato de Saul com um grupo de profetas, no qual ele mesmo entrou em transe (cf. 1Sm 10,6-15) e de onde surgiu um refrão popular: “Está Saul também entre os profetas?” (1Sm 10,11; 19,24). O sentido deste relato é mostrar as peripécias de Davi para escapar da perseguição de Saul.

Davi e Jônatas (1Sm 20,1-42). Jônatas e Davi renovam seu pacto de amizade, que os une fortemente no momento em que têm de

separar-se. Davi apela para o pacto, oprimido pelo perigo de morte que lhe aparece com clareza. Jônatas, cheio de pressentimentos sombrios, quer ampliar o pacto para além da morte. Saul os separa: procura quebrar a lealdade de Jônatas apelando para o dever filial e para a esperança de que venha a sucedê-lo no trono. Entretanto, não consegue seu intento, mas separa-os ao menos durante a vida. Jônatas confia no êxito de sua primeira intercessão: a primeira cena do capítulo precedente ecoa aqui, e obriga o leitor a fazer uma ponte de continuidade narrativa. Davi tem de desenganá-lo dessa confiança na bondade final de Saul. A saída para o campo dos dois amigos (vv.12-23) nos recorda sem querer aquela outra de dois irmãos chamados Caim e Abel. Jônatas começa respondendo ao pedido de Davi, mas logo lança vistas para o futuro: em suas palavras, renuncia praticamente a seus direitos de sucessão, está vendo Davi como sucessor de Saul, invoca o favor de Deus para o novo rei, para sua pessoa e para com sua família. Lealdade que supera a morte. É como se Jônatas rendesse a homenagem que não poderá render em vida. Antecipando sua morte, coloca seus descendentes sob a proteção de Davi. Essa é a força da amizade e da aliança. Nos vv. 30-33 Saul reage com violência não usual: trata-se da traição do herdeiro. Ordena a Jônatas que tome partido contra Davi, mas diante de sua negativa Saul vê consumada a traição, não pode contar com seu herdeiro, e num novo arrebatamento tenta matar ali mesmo seu filho.

Davi em Nobe (1Sm 21,1-10). O sacerdote conhecia Davi e seu elevado cargo na corte, mas não sabia nada da nova situação. Não parece ter relações com Samuel, o juiz profeta. Davi procura duas coisas elementares: pão para manter a vida e uma espada para defendê-la. O que encontra é um bom sinal: que melhor pão há do que o pão consagrado ao Senhor? E que melhor espada que a do filisteu? Mt 12,1-4 acrescenta

esse emprego profano do pão consagrado, no caso de necessidade, para defender os discípulos famintos que arrancam espigas em dia de sábado.

Davi em Get (1Sm 21,11-16). Davi utiliza a astúcia para escapar vivo de uma possível vingança do rei de Get, pelos grandes prejuízos infligidos aos filisteus. As moças cantavam à passagem de Davi: “Saul matou milhares, mas Davi dez milhares”. Davi se dá conta de que se metera em território errado.

Davi fugitivo (1Sm 22,1-5). Em seu refúgio de Odolão, Davi é visitado por sua família, mas, além disso, existe já um primeiro dado sobre a quantidade de pessoas que se une a ele e se coloca à suas ordens. Veja a descrição que o texto faz da qualidade de toda essa gente: “Todos os que se viam em miséria, os endividados, os descontentes” (v.2). Poderia tratar-se de uma forma de antecipar o anúncio do reinado de Davi e a qualidade de vida do povo sobre o qual vai reinar.

Matança dos sacerdotes (1Sm 22,6-23). A narração liga-se aos acontecimentos em Nobe. Está construída linearmente, como um processo diante do tribunal régio: denúncia, interrogatório, sentença, execução. Acumulam-se os detalhes para mostrar a hediondez do fato: denúncia de um estrangeiro; não se admite a resposta justa do réu; pela suposta culpa de uma pessoa, paga toda a população. Existe uma matança de sacerdotes; executa-a o mesmo estrangeiro, porque os outros se negam a ferir pessoas consagradas. Saul tentou impedir com um castigo exemplar possíveis adesões ao seu rival, mas ofendeu a justiça, ofendeu seus soldados, matou sacrilegamente. Saul fica totalmente condenado a agir como juiz iníquo, exatamente ele que devia ser defensor da justiça. Saul, nisso, dá o troco, porque Davi está conspirando contra ele. Por isso, todo ato de colaboração para com Davi é delito de lesa- majestade. E misturar Deus na conspiração, pedindo um oráculo, é um agravante

imperdoável - Saul já não dispõe de oráculo profético, visto que rompeu relações com Samuel, e não vemos que continue consultando o oráculo sacerdotal. O epílogo nos mostra, diante do Saul temível, o Davi protetor.

Davi em Ceila (1Sm 23,1-13). Mesmo em situação de fuga, Davi continua sendo o defensor e o protetor de muitos. Demonstra-o o aviso desesperado dos habitantes de Ceila, que sofrem os ataques dos filisteus, e se evidencia a valentia de Davi e sua especial relação positiva com Deus e ao mesmo tempo as ansiedades de Saul para acabar com seu rival.

Davi e Jônatas (1Sm 23,14-18). Isto é o que Jônatas gostaria que acontecesse para a monarquia de Israel: ter Davi como rei e ele como segundo homem do reino. Os fatos mostrarão que não será assim.

Davi perseguido (1Sm 23,19-28). Saul não se cansa em seu empenho de destruir Davi. O rei ainda conta com adeptos que o informam detalhadamente sobre o lugar onde o perseguido Davi se esconde e não quer perder a oportunidade de acabar com ele. Todavia, Davi também conta com pessoas que lhe servem de retaguarda. Mais uma vez, Davi escapa das mãos de Saul, primeiro porque alguém o avisa do perigo e, depois, porque Saul precisa regressar de sua campanha para enfrentar o saque dos filisteus.

Saul e Davi na gruta (1Sm 24,1-23). Só um fiel devoto como Davi poderia ter tão elevada a lealdade ao legítimo, embora impopular, rei de Israel e seu profundo respeito pela vida do ungido. Saul esteve nas mãos de Davi, mas continua vivo. Apenas um pedaço do manto real servirá de testemunho e de prova para que Saul reconheça publicamente a qualidade do coração e dos pensamentos do futuro rei. Saul reconhece a justiça da proposta e as razões do adversário e fala sobre o impacto de sentir que esteve a um passo de ser morto. Seu pranto mistura-se com terror e arrependimento. Ao reconhecer-se culpado, a causa está

terminada, e não deixa de apelar ao Senhor juiz. Melhor seria invocar o Senhor benfeitor, que igualaria com seus benefícios o desequilíbrio do mal e do bem causado pelo rei. Saul, que se livrou da vingança de Davi, quer libertar-se também da terrível vingança de Deus; para isso invoca o Senhor em favor de seu rival e pede a este um juramento que se oponha à invocação do v.14. O autor vai mais longe e aproveita o momento para colocar na boca de Saul uma homenagem antecipada ao futuro rei de Israel; dizia-o Jônatas em 1Sm 24,17. O juramento de Davi inclui mentalmente seu amigo Jônatas.

Davi, Nabal e Abigail (1Sm 25,1-44). Em silêncio, desaparece Samuel da cena histórica, deixando Israel ao seu futuro. O autor lhe oferta a homenagem de todo o Israel. Isso quer dizer que Saul assistiu também aos funerais? Samuel, juiz, já não tem sucessores; como profeta, sucedem-no Gad e Natã. Entretanto, Davi volta para a sua região preferida, não distante de sua pátria. No v.2 começa uma dessas narrações bíblicas, com personagem feminino como protagonista, nas quais parecem comprazer-se os narradores fazendo brilhar seu talento e sensibilidade. Isso lembra as histórias de Rebeca ou de Rute. A ação é simples e está construída com habilidade: depois da apresentação do lugar e dos personagens (v.2a), a primeira cena é ocupada pela mensagem de Davi e pela resposta de Nabal (vv.4-11). Na cena seguinte, colocam-se em movimento Davi e Abigail para o encontro (vv.12-22). Segue-se a grande cena do encontro, com o discurso de Abigail e a resposta de Davi (vv.23-35); os vv. 36-42 contam o desenlace. A mensagem de Davi é cortês na forma, se bem que esteja apoiada por seiscentos homens, que estão às suas ordens. Apela ao princípio comum da hospitalidade, particularmente em um dia de abundância e alegria; é lógico convidar em tais ocasiões. Além do mais, apela aos benefícios prestados aos pastores, que são preferivelmente

negativos, não tendo abusado. A velha condição de pastor manifesta-se nele por meio dessa atitude. A saudação com a tríplice “paz” indica as boas intenções e é sinal de prosperidade; Davi não vem em guerra. Davi nomeou-se servo e filho de Nabal, este devolve os títulos: filho de Jessé - de condição inferior - e escravo fugido. A resposta é malévola e insultuosa, e cria uma situação de benefícios pagos com ofensas. Claro que o título de escravos fugidos não cai mal em alguns dos homens de Davi. Habilmente, o autor apresenta cenas diferentes e paralelas. Nabal retira-se, deixando o lugar para Davi e Abigail. Ambos reagem com decisão e rapidez: Davi em guerra, Abigail em paz - note-se a acumulação de presentes saborosos. Abigail tem de decidir de maneira contrária e desfazer as ofensas do marido, isto é, as injúrias verbais e ter negado as provisões. O segundo delito, em seu aspecto material, é fácil de reparar. O insulto que contém e que expressaram as palavras é delito que fere mais profundamente. Abigail pronuncia um discurso mais psicológico que lógico. Pede proteção a Davi: “Quando o Senhor te tiver feito bem, ó meu senhor, lembra-te de tua serva” (v.31), como que antecipando sua viuvez e seu futuro matrimônio com o jovem rei Davi, mais generoso que seu marido Nabal.

Último encontro de Davi e Saul (1Sm 26,1-25). A narração retorna para Saul, que continua perseguindo Davi. Davi espiona o acampamento de Saul. Aproveitando a escuridão, junto com Abisai, penetra no acampamento e se coloca diante de Saul, enquanto o rei dorme. Abisai quer matar Saul com um só golpe de sua espada (v.8), mas Davi não permite, contenta-se em pegar a lança e a bilha, da cabeceira do rei, e vão-se embora. Do outro lado do vale, Davi faz ouvir sua voz acusando Abner, general de Saul, de incompetência na guarda do rei, e sua voz é reconhecida por Saul. Como antes, Saul responde com uma notável

confissão: “Fiz mal (...). Procedi nesciamente; cometi um grandíssimo pecado” (v.21). Davi confia sua própria vida à proteção do Senhor. Saul o abençoa e lhe deseja êxito. No fim da cena, separam-se seguindo cada qual o seu próprio caminho. Salienta-se nessa cena a confiança de Davi em Deus. Uma vez mais, Davi venceu Saul e seu incompetente exército. Saul segue seu mau caminho. Davi põe sua confiança em Deus e consegue de Saul sua promessa e bênção.

Davi entre os filisteus (1Sm 27,1-28,2). Davi tem de se retirar do território de Judá. Não se trata exatamente de uma saída para servir deuses estrangeiros, mas tem de submeter-se aos filisteus. Temendo um ataque mortal por parte de Saul, em cujas promessas é melhor não confiar (v.1), Davi se coloca a serviço de Aquis, rei de Get. É mencionada explicitamente sua tropa de seiscentos homens e suas duas esposas. Depois do serviço a Aquis, permanece naquele território dezesseis meses (vv.5-7). O comportamento de Davi nessa região não é nada exemplar... Parecia regido pela ideia “o fim justifica os meios”. Não é a primeira vez que a Bíblia nos relata os horrores e pecados dos personagens que de um modo ou de outro foram exaltados pela história; a própria história e o leitor de cada época devem encontrar em relatos como este o que contraria a vontade divina e fazer seu próprio julgamento.

Saul e a necromante (1Sm 28,3-25). A história de Saul é uma tragédia: ao começar o último ato de sua vida, uma cena misteriosa e sombria narra o pressentimento, até que se realize como certeza inevitável. Saul surgiu para salvar Israel dos filisteus: logo vai acabar nas mãos deles, arrastando consigo Israel. Aquele que o ungiu rei, aquele que pronunciou sua primeira condenação, fala-lhe agora do túmulo, ameaçando-lhe a próxima execução da sentença. Saul, consciente de sua condenação e execução, caminha valentemente para a própria morte. Culpado ou não,

não resta intensidade e grandeza para sua figura trágica. O fato de o autor estar contra ele não impede de apresentá-lo como herói extraordinário. O silêncio de Deus significa realmente que abandonou Saul, que a última palavra de Deus dirigida a ele foi uma sentença condenatória; e não existe nada mais a acrescentar. O silêncio é já um castigo.

Davi excluído da batalha (1Sm 29,1-11). Continua a narração iniciada em 1Sm 28,1s. Para entender os movimentos das tropas é preciso conhecer a posição da planície de Esdrelon, de oeste para leste, ao norte do Monte Carmelo, separando as tribos centrais das do sul. Os filisteus subiram pela costa e penetraram pelo ocidente da planície. As tropas de Saul vão descendo desde Siquém para a parte oriental da planície. Concentram-se ou se desdobram na zona montanhosa que se eleva ao sul de Jezrael, porque se sentem mais fortes na montanha do que na planície. É uma campanha mais ambiciosa que as penetrações pela costa para a montanha, através de vales e desfiladeiros. Cada um dos cinco príncipes filisteus reúne suas tropas, têm um comando unificado. Tropas mercenárias são comuns nessa época, mas o batalhão de desertores que Davi comanda não é confiável em uma batalha contra israelitas. Inesperadamente, sem intervenção explícita de Deus, Davi livra-se de levantar a mão contra seu povo. O narrador aproveita o momento para acumular os testemunhos estrangeiros na cadeia de louvores a seu herói, citando uma vez mais o famoso estribilho das moças israelitas.

Davi em Siceleg (1Sm 30,1-30). A declaração de Davi tem algo de sentença motivada, estabelecendo como um direito aquilo que era um costume, e o motivo é teológico. A presa de guerra é dom de Deus e, como tal, deve ser distribuída entre todos. Assim, todos se alegrariam por igual com a vitória. A sentença tem ritmo de provérbio, fácil de reter na memória. O epílogo dá oportunidade e alcance a essa última campanha

de Davi: foi uma guerra “santa” contra os inimigos do Senhor, uma vitória territorialmente ampla para todos os amigos de Davi, em Judá. A lista repete vários nomes de Js 15. Com essa lista, o autor prepara a coroação de Davi em Hebron. Todo o capítulo tem pontos de contato com Gn 14: o roubo de pessoas e de bens, a perseguição e libertação, a repartição da presa de guerra, os presentes, embora mudem as relações entre os personagens. Como não podemos datar Gn 14, não podemos dizer se existe mútua influência. Na leitura atual da Bíblia, o parentesco é notável, e nos leva a pensar em uma dimensão patriarcal de Davi, inclusive porque sua presença em Hebron lembra o grande patriarca Abraão.

Morte de Saul (1Sm 31,1-13). Dos dois acontecimentos históricos, a derrota de Israel e a morte de Saul, o autor se interessa mais pelo segundo. A batalha foi importante, e a vitória concedeu aos filisteus uma supremacia indiscutível: ao ocupar o vale de Esdrelon e o de Jezrael, até a margem do Jordão, os filisteus assenhorearam-se de uma região fertilíssima, isolaram as tribos do norte, passaram a contar com novas vias de acesso para a área central de Efraim. Muitos povoados, anteriormente cananeus e depois israelitas, mudaram de rota. A planície já fora testemunha da importante batalha de Débora e do stratagema de Gedeão. A morte de Saul ajusta-se diretamente ao cap. 28, mas o autor não explora o aspecto psicológico, a angústia dos pressentimentos. Por outro lado, os narradores hebreus não sabiam descrever batalhas, contentavam-se com dados gerais e acostumaram-se a concentrar-se em algum personagem. Desta vez, concentram-se em Saul com sua família e escolta.

ESTUDO DO SEGUNDO LIVRO DE SAMUEL

.....

I - REINADO DE DAVI (1-20)

Davi chora a morte de Saul e de Jônatas (2Sm 1,1-27). O anúncio da derrota e morte de Saul é uma narrativa que lembra 1Sm 4. O mensageiro amalecita sabe onde se encontra Davi e conhece a hostilidade de Saul. Considera Davi desertor dos seus e vassalo fiel dos filisteus. A vitória filisteia, a derrota de Israel, a morte de Saul e de seu herdeiro serão uma boa notícia para Davi, que o fará merecedor de generosas recompensas. Corre para ser o primeiro, o que indica que a notícia não tinha chegado ainda ao território filisteu, nem haviam começado os festejos já narrados. Discute-se se a narração do mensageiro é verídica ou não. O amalecita traz as insígnias reais: só pode tê-las recolhido se tivesse chegado muito rápido ao lugar onde morreu Saul, antes de outros, antes dos filisteus. Davi toma sua narração como verídica, e por causa dela o sentencia e manda executá-lo. É inverossímil essa rapidez do mensageiro; a indicação “no terceiro dia” poderia ser uma fórmula estereotipada. O autor salienta a rapidez dos acontecimentos e a simultaneidade das batalhas. O aparecimento do mensageiro é espetacular, realçado com sinais de luto; não precisa de recomendações para conseguir logo ser ouvido. Os vv.17-27 são uma elegia ou lamentação de Davi pela grande perda que a morte de Saul e Jônatas representa.

Davi ungido rei em Hebron (2Sm 2,1-7). Davi, para abandonar seu

desterro voluntário em Siceleg e transferir-se para a sua pátria, teve de esperar as seguintes situações: primeira, a morte de seu rival e perseguidor; segunda, a aprovação de seus senhores, aos quais serviu como vassalo durante dezesseis meses; terceira, a aprovação divina. O autor coloca em primeiro lugar a consulta e o oráculo como bênçãos formais da nova etapa do escolhido. A Judeia é a região de seu nascimento, de suas incursões, de seus presentes muito bem calculados (1Sm 30,26-30). Ali é um capitão conhecido, um senhor de terras bem relacionado. Para os habitantes da Judeia, ter um rei do próprio sangue ou tribo é melhor do que depender dos do norte, que tão desastrosos se mostraram. Se alguma esperança sobra para o povo da Judeia, está encarnada em Davi. O chefe militar é elevado à categoria de rei: é um momento histórico, o ano 1000 a.C. Jabes de Galaad, do outro lado do Jordão, é uma cidade distante e partidária de Saul; em qualquer momento pode constituir um forte ponto de oposição. Por isso, Davi apressa-se em estreitar relações com seus habitantes.

Abner e Joab (2Sm 2,8-3,5). Abner saiu vivo, não sabemos como, da batalha contra os filisteus, e procura conservar no poder a família de Saul nomeando Isboset rei de Israel. Isso origina um confronto entre os partidários de Davi e os de Isboset.

É difícil explicar os episódios de 2Sm 2,12-32: são dois episódios autônomos, ou são continuação lógica o desafio e a batalha? Trata-se de um desafio de morte, com consequências militares, ou um torneio com desenlace trágico? A segunda parte é a perseguição de um vencido que foge ou um desafio de velocidade e esperteza?

Parece tratar-se de uma batalha na qual os contendores não querem perder muita gente, e é proposta uma trégua.

Assassinato de Abner (2Sm 3,6-39). Depois de alguns anos, Abner

percebe que o reino de Isboset não tem futuro. A monarquia, nascida para defender o povo contra os filisteus, fracassou em Saul e em seu filho; só Davi poderá realizar novamente a independência. A opinião pública em favor de Davi vai crescendo, inclusive na tribo de Saul, Benjamin. Abner reconhece isso e em tempo decide mudar-se e dirigir-se para o sul. Assim, tomando a iniciativa, poderá apresentar condições a Davi e conseguir um posto de relevo na corte do novo senhor, inclusive desbancando Joab, sobrinho de Davi. O que falta é um pretexto para começar a agir, e o mesmo Isboset é quem lho proporciona. Tomar a concubina do rei falecido é em primeiro lugar uma injustiça, porque o harém real pertence por herança ao sucessor. Além disso, pode significar pretensões de se elevar ao trono. A queixa do rei é justificada, mas Abner não tolera censuras de seu protegido real; considera-se gravemente ofendido em sua lealdade para com a casa real, e por isso livre do dever de lealdade. Como se isso fosse pouco, pode invocar um dos oráculos que Davi recebeu de algum profeta. A formulação do oráculo bem pode ser atribuída ao narrador, pois se a primeira parte responde a palavras de Samuel (1Sm 15,28s), a segunda parte define, *a posteriori*, os limites do reino de Davi.

Davi compreende a importância da oferta; mais ou menos o que estava esperando, e antes de aceitar coloca uma condição importante. Pedindo Micol, reclama um direito, coloca à prova o general Abner em um assunto comprometido, experimenta a capacidade de resistência de Isboset, restabelece seu vínculo familiar com Saul, consolidando assim sua pretensão ao trono unificado. Parece que Davi reside em Hebron (vv.22-27), dedicado a governar, e delegou a Joab o exercício militar das incursões pelo sul. Joab é impulsivo, violento; atreve-se a censurar o rei, seu tio, e a agir sem seu consentimento em assuntos graves. Mas tem seus motivos para defrontar-se com Abner: em primeiro lugar, cumpre-

lhe vingar o sangue de seu irmão Asael; em segundo lugar, facilmente descobre que Abner é uma ameaça para sua posição no reino de Davi, por isso, sua acusação contra Abner parece um simples pretexto. O mais provável é que Joab estivesse a par das negociações e da mudança de opinião em Israel. O modo de executar a vingança é mais eficaz do que nobre. O desenlace (vv.28-39) prejudica seriamente Davi. Agora que o fruto desejado está maduro e a ponto de cair, o assunto se complica: tiraram-lhe o homem de poder e de prestígio que ia realizar a transmissão pacífica de poderes. Além disso, criou-se a impressão de que tudo foi tramado por Davi, de que foi um ato de traição. Poderiam confiar nele? Em seu reino a pessoa de Joab torna-se perigosa para o próprio rei. Davi reage com toda a energia. Primeiro faz um juramento público de inocência, como se costumava então, decisivo porque o Senhor castiga a pessoa que jura em falso. Ao mesmo tempo, faz recair publicamente a culpa sobre Joab. Não pode castigar o vingador do sangue fraterno, mas o amaldiçoa deixando o castigo a Deus. Depois ordena um funeral solene para o morto, indo à frente do cortejo e dedicando-lhe uma elegia pessoal; e obriga o assassino a assistir. Joab tem de submeter-se publicamente à ordem real e escutar a elegia. Ao funeral segue-se um jejum da corte. A reação de Davi causou grande impressão ali e provavelmente fora do seu reino de Judá; isso é o que quer dizer o narrador no v.37.

Assassinato de Isbaal (2Sm 4,1-12). Abner morto, Isboset fica sem apoio e sem iniciativa. Os que confiavam na dinastia de Saul ficam desorientados; os que confiavam na união com Davi, organizada por Abner, não sabem o que vai acontecer. O rei Isbaal, essa sombra de monarca, impotente e apenas consciente, morre na quietude e inconsciência de um sonho, na capital preparada da Transjordânia, em um palácio que guarda uma mulher desarmada e sonolenta. Como está longe da morte heroica

de Saul e Jônatas em campo de batalha! Sistemáticamente, os redatores, favoráveis a Davi, salientam sua inocência quanto ao derramamento de sangue dos seus principais rivais; essa inocência fica demonstrada com o extermínio dos que mataram os personagens principais do partido de Saul, do próprio Saul, de seu general e de seu filho Isboset.

Davi, rei de Israel (2Sm 5.1-5). Eliminados Abner e Isboset, Davi atrai todas as expectativas. A oposição de Israel a Judá fica afastada por um sentimento mais forte de fraternidade. O que Abimelec dizia aos de Siquém, para apoiar sua candidatura real (Jz 9), confessam-no as tribos para Davi. O pacto entre rei e povo tem algo de constituição: implica um juramento de lealdade mútua e contém normalmente uma série de cláusulas. Os anciãos, como responsáveis por todo o povo, servem de intermediários na unção.

Conquista de Jerusalém (2Sm 5.6-16). A conquista de Jerusalém e seu estabelecimento como capital do reino ocorreram certamente depois da vitória definitiva sobre os filisteus, provavelmente depois de outras campanhas anteriores. O autor tem muito interesse teológico em unir a escolha de Davi para rei e a de Jerusalém para capital. Daí em diante vão formar uma forte unidade, como uma nova eleição do Senhor e ponto de partida para uma nova etapa histórica. Nesse sentido, é justo colocar os dois fatos juntos no início da narrativa. A intenção teológica impõe-se sobre a cronologia. Saul havia ficado em sua aldeia, como os juízes tribais, para governar dali. Davi residiu em Hebron, lugar excelente para um rei de Judá, cidade bastante centralizada e aureolada com a recordação de Abraão. Mas, para unir e governar todo o Israel, Hebron não é suficiente: está demasiado ligada a uma tribo e às tradições do sul. Davi decide estabelecer a capital: uma cidade sem vínculo tribal, bem situada e de grande valor estratégico. É a antiga Jerusalém, cidade

até então inexpugnável para os israelitas, enclave cananeu na montanha central, que dividia as tribos. Jerusalém é um símbolo da persistência e da resistência cananeia não dominada. A decisão de Davi é um ato de audácia e clarividência. Audácia, porque é difícilimo conquistá-la, e um ataque fracassado poderia desprestigiar o novo rei. Clarividência, como a história mostra até hoje: Jerusalém adquire para Israel, e mais tarde para os judeus, um valor espiritual que supera amplamente seu valor geográfico, estratégico e urbanístico. Jerusalém será o segundo polo da escatologia. Porém, mais inexpugnável que a cidade parece o texto bíblico que muitas gerações de exegetas e arqueólogos não conseguiram decifrar. Mesmo reunindo os dados de Samuel com os das Crônicas, não chegamos a uma explicação satisfatória. Uma das hipóteses mais atraentes vê os acontecimentos assim: Davi estabelece cerco à cidade, os defensores riem-se dos atacantes, porque cegos e coxos estão em número suficiente para rechaçá-los - tão inexpugnável é a fortaleza. Davi, talvez depois de ataques infrutíferos e de longo cerco, promete certo privilégio a quem penetrar na cidade. Então, alguns soldados conseguem infiltrar-se e subir pelo túnel de acesso ao manancial, e de dentro dele facilitam a entrada dos outros. Trata-se de uma hipótese a respeito da maneira como agiram. O certo é que Davi, com essa conquista, junta-se aos heróis da conquista da terra sob a condução de Josué, submete o baluarte simbólico dos cananeus, dispõe de uma capital. Meditando sobre os fatos, derrota de filisteus e cananeus e fundação de uma nova capital e abertura comercial internacional, Davi chega a compreender seu destino religioso: é um rei pela graça de Deus a serviço do povo. Eleição, não como privilégio, mas como função. Pela razão de que o povo é do Senhor, Davi é um vassalo e mediador a serviço desse povo. Sua espécie de vassalagem em Get e a provável vassalagem em Hebron são uma simples sombra da

nova situação histórica. Os vv. 13-16 antecipam a origem do herdeiro: será um dos filhos nascidos em Jerusalém, não em Hebron.

Batalhas com os filisteus (2Sm 5.17-25). Cronologicamente esta é a primeira tarefa de Davi como rei da monarquia unificada. O autor resume em brevíssimo espaço acontecimentos que devem ter ocorrido durante vários anos; fixa-se em um par de batalhas. A essa época pertencem alguns dados que são lidos no apêndice (cap. 21-24). Davi batalha na área montanhosa, onde os filisteus se movimentam com menos aparato militar e maiores dificuldades. Vale de Refaim ou Vale dos Gigantes - para o povo, Vale das Almas - está situado perto de Jerusalém, onde os filisteus estão protegidos pelo enclave jebuseu de Jerusalém, enquanto Davi, evitando as cidades, refugia-se nas paragens de

Odolam, bem conhecidas por ele (1Sm 22,1.4; 24,13). Dali, iria agrupando tropas e despachando pequenas incursões contra os filisteus, os quais, segundo o cap. 23, estão instalados também em Belém. Os filisteus acampam em terreno muito bom, plano, no vale que parte para sudoeste de Jerusalém e se alarga para o oeste. Davi parte de Odolam, faz um círculo para o ocidente, sobe para Baal-Farasim, e do norte ataca e coloca em fuga o inimigo. Os ídolos foram levados ao campo de batalha como proteção. Apossando-se desses ídolos, Israel retribui agora aos filisteus a captura da Arca (1Sm 4). Os ídolos são o troféu mais valioso. Os filisteus insistem em permanecer no mesmo lugar, que consideram muito bom (vv.22-25); o oráculo do Senhor dá dessa vez um sinal não tão fácil de entender: tratar-se-ia do rumor do vento nas ramagens das amoreiras. Outros interpretam o nome como toponímico, “nas alturas de Becain”.

A Arca transportada para Jerusalém (2Sm 6,1-23). Jerusalém teria de ser também centro religioso das tribos, para que tivesse plena força de

unificação. Saul descuidou-se desse aspecto. A Arca esteve em Silo nos tempos de Heli, foi roubada pelos filisteus, e quando a devolveram passou para Cariatirim. A Arca é o objeto religioso por excelência, emblema na guerra e testemunho da aliança, cujo documento ela encerra. Davi decide transferi-la para a sua nova capital e concentrar ali os principais sacerdotes. Davi quis fazer da transferência da Arca um acontecimento religioso nacional, uma ocasião para robustecer a consciência de unidade religiosa, cujo centro daí em diante seria Jerusalém - isso não quer dizer que a quantidade de participantes seja objetiva. Um acidente mortal (vv.6s) é interpretado pelos assistentes como castigo de Deus, devido a uma profanação objetiva. A sacralidade, todavia, é vista de maneira muito concreta, quase material, embora o autor personalize o efeito mortífero do sagrado. Como o homem não pode ver Deus sem morrer, assim o profano não pode tocar impunemente o objeto sagrado. Lembremos da sacralidade da montanha do Sinai. A resposta de Davi à ironia de Micol (vv.20-22) contém um princípio importante de espiritualidade: diante de Deus e para Deus, Davi sente o ímpeto de brincar ou dançar. Comportamento pouco sério e que pode parecer humilhante para um rei, olhado com critérios de respeito humano. Mas Davi sabe que foi escolhido pelo Senhor como vassalo, por isso, sua glória será festejar seu soberano Senhor, e o povo simples compreenderá o valor desse gesto.

Promessa dinástica e oração de Davi (2Sm 7,1-29). O mais notável na história de Davi não são seus empreendimentos, seu valor militar ou sua clarividência política: é a promessa que Deus lhe faz. Este capítulo é o verdadeiro centro da história de Davi. Acima de Davi como protagonista, eleva-se como verdadeira protagonista a Palavra de Deus, criadora da história. Natã é seu profeta privilegiado. Provavelmente o oráculo original foi breve, estruturado no duplo sentido da palavra casa:

edifício e dinastia. Davi quer construir para o Senhor uma casa: templo; o Senhor recusa-o e em troca promete construir-lhe uma casa: dinastia. Esse oráculo produz uma reação viva no povo que o recebe, criando uma corrente histórica. Então, o povo receptor reage sobre o oráculo, explicando-o e enriquecendo-o. Sobretudo, os profetas fazem ressoar em seus oráculos o de Natã, colocando-o em uma perspectiva sempre mais rica e tensa para o futuro.

Duplo sentido de casa. No sentido mais frequentemente empregado, “casa” é uma noção própria da cultura sedentária, urbana: espaço material fixo, lar que acolhe e protege, termo de repouso e centro de convergência (cf. Gn 4,17 e 11,4). Em sentido metafórico, remeta à família constituída pelos filhos e sucessores (Gn 16,2); da família comum pode-se passar para a família reinante. Esta segunda acepção de “casa” não é espacial, mas temporal; é vida histórica, ramificação e estreitamento. No espaço, é possível derrubar a casa material; no tempo, pode extinguir-se a casa familiar. As duas têm sua própria estabilidade. Davi quis dar ao Senhor uma casa, fixá-Lo em um espaço sagrado, centro de atração imóvel e permanente, com o qual se pudesse contar. Nele o Senhor do espaço está presente. Mas o Senhor revelou-se a seu povo em movimento, tirando-o do Egito, guiando-o pelo deserto, conduzindo-o à Terra Prometida. Deus, desprovido do espaço fixo, companheiro de andanças e peregrinações. Inclusive quando termina a peregrinação e o povo fixa-se à terra, durante uma longa etapa o Senhor conserva sua novidade original: uma tenda de campanha como habitação. Para tanto chega esta concepção teológica, que uma escola posterior falará da tenda não como morada, mas como lugar de referência e de encontro. O Senhor não aceita a oferta de Davi. Se ele se deixa levar em procissão para Jerusalém, é para continuar ali em uma tenda, livre para movimentar-se. O Senhor quer se revelar como

dono de uma nova etapa histórica que, de algum modo, continuará sem limites. Ele funda uma dinastia com sua Palavra, consolida-a com sua promessa, e a acompanha em sua peregrinação histórica, em que se expõe ao imprevisto, ao perigo dramático, inclusive à tragédia. A história humana de uma dinastia de um povo será o âmbito móvel da presença e revelação do Senhor. Davi não pode dar estabilidade ao Senhor, determinando a Ele um espaço habitável. O Senhor pode dá-lo a Davi, paradoxalmente, lançando-o na corrente da história mutável.

Vitórias de Davi (2Sm 8,1-18). Este é um capítulo-síntese sobre as conquistas de Davi. Ficam fora as campanhas contra os filisteus. Também aqui não aparece a campanha contra Amon, porque será a ocasião de outros acontecimentos importantes, a partir do cap. 10. Cronologicamente, parece ser a primeira campanha contra Amon, que é ajudado por alguns reinos aramaicos do norte e do noroeste, e assim se amplia a luta. Depois viria a campanha contra Moab a sudeste e a de Edom ao sul. Nesse momento histórico estão em repouso os grandes impérios do Ocidente e do Oriente. O Egito está dividido por lutas internas. Babilônia é importante. A Assíria apenas se eleva no horizonte histórico. É o momento propício para Davi, se souber consolidar-se na ponte costeira entre o Egito e a Mesopotâmia. Davi começa a reinar em um território ameaçado pelos reinos vizinhos. À medida que se consolida e ganha poder, enfrenta provocações desses vizinhos, assustados diante do poder crescente do novo reino. O livro narra a provocação amonita e certamente a penetração dos edomitas pelo sul. Em seu início e em seu desfecho, essas guerras davídicas são guerras de expansão. No final delas, Davi é um rei firme em seu país e soberano sobre reinos tributários numa grande extensão territorial: da Torrente do Egito pelo sul até próximo do rio Eufrates, pelo nordeste, e o deserto desabitado, ao oriente.

Mifiboset acolhido por Davi (2Sm 9,1-13). O gesto de Davi é um ato de lealdade ou fidelidade a um juramento (1Sm 20,11-17.42). É também um gesto magnânimo para com a família de seu rival. Além disso, é uma sagaz medida política: levando para a corte o descendente de Saul, mantém-no sob vigilância, neutralizando-o. Esse favorecimento tem outro sentido especial: é uma concessão que liga Mifiboset ao vínculo de lealdade. Em Mifiboset a “casa de Saul” prostra-se e rende homenagem ao novo rei, cumprindo a homenagem antecipada de Saul e de Jônatas; declara-se expressamente “servo”, que pode significar vassalo. Davi outorga-lhe as posses de família, que se transformam agora em dom seu (v.9). A honra de comer à mesa do rei é um reconhecimento cotidiano de dependência. Houve um tempo em que Davi comia à mesa de Saul (1Sm 20). Se tivermos presente a promessa dinástica para a “casa de Davi”, que acabamos de ler no cap. 7, sentiremos o contraste ao identificarmos quatro vezes “a casa - família - de Saul”; como a primeira se estabelece pela graça de Deus, a segunda subsiste pela “graça” de Davi.

Guerra contra os amonitas (2Sm 10,1-19). A partir daqui os acontecimentos desencadeiam-se com rigor trágico. O autor reservou para o final a campanha de Amon, porque nela se insere o arranque para uma nova tessitura. Pela primeira vez, o autor nos diz algo sobre a estratégia de uma batalha e não se conforma com expressões genéricas de vitória e derrota. A guerra contra Amon ocupa vários anos, e só no final do cap. 12 é que se narra o desfecho. Aqui narram-se duas batalhas importantes, a primeira dirigida por Joab, a segunda por Davi - o esquema repetir-se-á na tomada da cidade. Do v. 2 podemos deduzir que Davi, quando fugia, perseguido por Saul, recebeu asilo ou auxílio do rei amonita, o que estabeleceu uma relação de lealdade. Com um gesto simples e sincero, Davi procura continuar mantendo boas relações com os vizinhos ao

oriente. Mas a ascensão política de Davi criou nas vizinhanças um clima de medo e de suspeita, que os cortesãos do novo rei amonita exploram. Recorde-se como Joab procurou semear suspeitas contra Abner. Uma coisa é proteger um súdito acossado, outra coisa é apoiar um rei vizinho que está em plena ascensão.

Davi e Betsabé (2Sm 11,1-27). Até agora a história de Davi, sua vida, sua carreira política e o exercício de seu reinado, foram narrados deixando sua figura praticamente impecável. Todavia, devia chegar o momento em que os redatores teriam de contar também os pecados e fraquezas desse personagem. Do Davi músico, poeta, piedoso praticante, guerreiro, passamos aqui para o Davi violador e assassino. Várias vezes, ao longo da narração, são feitas referências à quantidade de concubinas que Davi possuiu, mas, não contente com isso, rouba a mulher de um dos seus soldados. Tendo sido avisado por Betsabé que ela estava grávida, manda chamar Urias; imagina que Urias não deixará passar a oportunidade de seu regresso a Jerusalém para deitar-se com sua mulher, desse modo ficará apagada a marca de Davi em Betsabé; todavia, contra toda previsão, Urias dorme às portas do palácio uma e outra noite, com o argumento de sua solidariedade para com a Arca, com Israel e com Judá que vivem em tendas, e com Joab e seus oficiais que dormem ao relento no campo (v.11). Grande gesto da parte de um não israelita. Recordemos que Urias era hitita. A sentença de sua própria morte ele mesmo leva a Joab as instruções de Davi para fazê-lo desaparecer. Como uma coisa muito natural narra-se sua morte, o aviso a Davi, o luto de Betsabé e a transferência dela para o palácio de Davi. Tão normais eram esses acontecimentos? Era lícito que Davi agisse assim? Quem julga esse comportamento? Já em 1Sm 8,11-19 chamava-se a atenção para a cadeia de abusos que o povo teria de suportar vindas da parte do rei, e que ela estava apenas começando.

A censura e o julgamento divino a essa ação abusiva e traiçoeira virá da parte de Natã, o profeta que transmitiu também a promessa dinástica a Davi. Com as palavras de Natã fica claro que não é o rei quem estabelece o direito, porque o rei humano é vassalo de Deus; e diante da injustiça do poderoso, Deus se coloca do lado do fraco ofendido. Perante o olhar de Deus não têm sustentação ofícios nem dignidades, nem mesmo méritos adquiridos; seu julgamento sobre a história é decisivo.

Penitência de Davi (2Sm 12,1-31). Quando os homens se calam, a Palavra de Deus se levanta para acusar. Talvez corressem por Jerusalém comentários maldosos, reprováveis ou indulgentes sobre a conduta do rei. O autor não recolhe a voz do povo; o mais grave é que a consciência de Davi também se cala. Ao profeta que pronunciou a promessa dinástica, cumpre-lhe agora pronunciar a acusação e a condenação, em nome de Deus. É um encargo arriscado, e o profeta prepara o oráculo com uma parábola. O primeiro verbo é “mandar”: o Senhor toma a iniciativa. A parábola é breve e eficaz. Tudo é anônimo, reduzido a tipos elementares: o homem rico, o homem pobre, o homem viajante; anônima é a cidade; o rico simplesmente tem, o pobre cuida, atende, convive; o que em um é relação de posse, no outro é relação quase pessoal - e por aqui se mostra transparente a parábola. Três palavras visam ao capítulo anterior: comia, bebia, deitava-se. Davi escuta a parábola como um caso sobre o qual terá de dar sentença, com sua autoridade suprema, e o sentencia sem perguntar nomes. A compensação do quádruplo está prevista na lei (Ex 22,1); a reparação pelo crime, não prevista na lei, parece sugerida pela tirania da ação. Então, o profeta dá um nome ao homem rico da parábola e com ele nomeia também o pobre e a sua ovelhinha. “Tu”: a narração bíblica, embora simples ficção, interpela e embaraça o homem, é luz que penetra e revela, como diz Hb 4,12. Os vv.7-12 são o oráculo propriamente

dito, que personaliza fortemente a ofensa feita ao Senhor (cf. Sl 50,6). Pode-se dizer que Davi ofendeu Urias; mas o Senhor toma como sua a ofensa, e essa é sua última gravidade. Isso cria um novo sistema de relações: Davi é na parábola o rico malvado; com relação a Deus havia sido a ovelha escolhida e tratada com carinho especial, “como uma filha”. Ao abandonar esse papel, toma o lugar do rico, e ofende seu Senhor, o qual se transforma em vingador do pobre e de sua ovelhinha. A abertura transcendente do homem para Deus e o interesse pessoal de Deus pelo homem conferem sua grandeza e gravidade à caridade e justiça humana. A resposta de Davi (vv.13s) é brevíssima: iluminado pela Palavra, ele se descobre como é perante Deus, e confessa sem comentário seu pecado contra o Senhor. Deus perdoa, anulando a sentença de morte. Por que Davi perdoou Saul? Só pelo arrependimento atual? Isso é o que a Palavra de Deus procurava: salvar. Mas para Davi impõe-se uma pena. Em termos forenses: comuta-se a pena de morte pela perda do filho do pecado. O pai é castigado no filho ao perdê-lo, não é o filho que é castigado.

Tamar violentada por seu irmão (2Sm 13,1-22). Em relação a Saul, Davi aumentou o número de mulheres e concubinas, o que pode ser sinal de riqueza e prestígio. Os filhos dessas mulheres vivem em casa própria, com serviços pessoais, as filhas não casadas vivem reclusas em uma sessão à parte. As relações familiares realizariam-se em ocasiões especiais, talvez nas festas. Na legislação antiga não estava proibido o matrimônio entre parentes; a legislação de Lv 18 e Dt 27,22 proíbe o matrimônio entre irmãos de mesmo pai ou mesma mãe. O matrimônio de Amnon e Tamar estaria permitido na legislação antiga. Segundo Dt 22,28s, quem viola uma donzela tem de pagar uma compensação ao pai e casar-se com ela. Como fundo desta história, devemos ter presente o adultério de Davi: repete-se uma história parecida, o primogênito imita

os passos do pai.

Assassinato de Amnon (2Sm 13,23-14,33). A vingança de Absalão é narrada mais nos preparativos e nas consequências, ao passo que seu núcleo, o assassinato, é mencionado indiretamente: os criados cumprem suas ordens. Dessa maneira, o autor salienta a espera paciente; além do mais, faz ressaltar o caráter familiar: o próprio rei tem de entrar no jogo e todos os príncipes têm de participar. A vingança vai ter testemunhas excepcionais, a tragédia vai ter um marco familiar e festivo. Não esqueçamos que essa família é a “casa de Davi”, e como tal está incluída na promessa dinástica. Pela mesma razão, o autor nos dá o ponto de vista da corte, os efeitos da ação, mais que a própria ação. O fato chega à corte em três momentos, cada um com valor próprio: primeiro é uma notícia falsa que se adianta; depois, um tropel de cavalos que se ouve; finalmente, são os filhos do rei. O falso alarme implica algo gravíssimo: se foram mortos todos os filhos de Davi, sendo que o único a ficar vivo é o assassino de todos eles, quem o sucederá no trono? O que será da promessa de fundar uma dinastia? O caso de Abimelec, filho de Gedeão, parece repetir-se. Terá Davi de justificar seu filho assassino? Jonadab, o cínico conselheiro de Amnon, conserva a calma para interpretar corretamente a notícia e tranquilizar o rei. Suas palavras têm mais lucidez que tato, quando pede ao rei que não se preocupe, como se a morte do primogênito não fosse má notícia. O certo desse caso é que as sementes semeadas pela violação e o assassinato de Davi estão começando a brotar. Amnon violentou Tamar. Absalão assassinou Amnon. Começa uma colheita de desventuras.

Uma vez mais, Joab demonstra sua percepção aguda e sua capacidade de agir rapidamente. Por um lado, o coração do rei começa a abrandar-se em relação a Absalão, mas razões de Estado impedem-no; com um empurrão discreto o rei poderá fazer o que na realidade deseja, e Joab

terá cooperado um tanto para isso. Por outro lado, Absalão é um provável candidato à sucessão: morto o primogênito, o candidato poderia ser o terceiro filho - do segundo não se fala nesta história; só se narra, em 2Sm 3,3, sua partida ao nascer. Se Joab ajuda eficazmente Absalão a repatriar-se, poderá contar com seu favor e conservar seu posto de segundo no reino. Mas Joab não quer atacar de frente, e por isso prepara uma astuta representação: uma mulher de Técua, experiente em imitar e fingir, aplainará o caminho, experimentando o rei. Se o resultado for favorável, Joab aparecerá. O núcleo da cena será um caso de consciência, que se apresentará personalizado, como assunto de uma representação dramática. O caso é o embate entre dois princípios de justiça: o dever de vingar o homicídio e o dever de conservar o nome. No antigo Israel existe uma instituição, que podemos chamar de *goelato* [vingança, resgate], e que se baseia na solidariedade da família ou do clã: quando uma propriedade foi ou vai ser alienada, uma pessoa da família ou do clã, por ordem de parentesco, tem de comprá-la ou resgatá-la para que continue no seio familiar. Quando um membro torna-se escravo, tem de ser resgatado nas mesmas condições; se um membro é assassinado, tem de ser vingada sua morte, pela morte do assassino, restabelecendo, assim, a justiça. Sem pertencer à família ou à tribo, o rei pode assumir o papel do *go'el*: resgatador ou vingador. E se o assassino é membro da mesma família? Tem de matá-lo o parente mais próximo? Deve-se restabelecer a justiça duplicando as mortes? O caso chega ao extremo quando em uma família existem só dois irmãos: vingar-se significaria acabar com o nome da família. Mas conservar o nome significaria não vingar a injúria de um dos irmãos. Este é em grandes traços o caso dos filhos de Davi, que ao pé da letra não se pode aplicar, visto que lhe restam mais filhos. Mas a formulação final serve para salientar o dilema.

Conspiração de Absalão (2Sm 15,1-12). Absalão considera que tem suficientes méritos para a sucessão e não quer esperar muito. Filho do rei e de uma princesa estrangeira, é agora o primeiro pela idade - morto Amnon e desaparecido Queleab. Deixando as coisas seguirem seu curso normal, Absalão teme perder seus direitos, porque o rei pode escolher um outro sucessor. Ou melhor, o rei já mostrava sua preferência por Salomão; ao menos não escondia sua preferência por Betsabé. Além do mais, os sucessos anteriores puseram o jovem em posição desvantajosa: o perdão do rei não foi incondicional. Absalão não pode esperar indefinidamente, mas sabe esperar o suficiente para se preparar bem, explorando uma série de vantagens. Primeiro, sua aparência física, qualidade que no caso de Saul e Davi foi vantajosa; sobretudo realçada com o aparato principesco do carro e escolta; trata-se de impor uma imagem ao povo. Segundo, as tensões latentes nunca resolvidas entre as tribos do Sul e do Norte, Judá e Israel. Judá acabou favorecida nesta situação, provocando invejas e rancores. Terceiro, consequência da anterior, a deficiente administração da justiça central, tarefa específica do rei em tempo de paz, que a desempenha por meio de tribunais da capital ou pessoalmente (Sl 121,5). Muitos, sobretudo de Israel, queixam-se dessa situação. Absalão mostra-se generoso, de uma cordialidade fácil, com promessas hipotéticas. Durante quatro anos realiza proselitismo em seu benefício no meio do povo, provavelmente nos conselhos, inclusive na corte. Nessa primeira parte, domina a linguagem dos processos: a justiça é o lema do candidato a rei. No momento da sublevação (vv.7-12), Absalão invoca motivos religiosos. Pelo visto, Davi tolerou até aqui o comportamento de seu filho. O fato é que agora aceita sem discutir o motivo de piedade religiosa - não havia aceitado tão facilmente o motivo profano da tosquia anteriormente. Sem o saber, pronuncia as últimas

palavras para seu filho, vivo: “Vai em paz”, despedida na realidade trágica.

Hebron foi muito bem escolhida: nela, Davi começou a reinar, é a cidade natal do príncipe e foi relegada por Jerusalém. Todavia, pode atrair clãs do sul de Judá. Simultaneamente, Absalão assegura a sublevação no Norte, por todas as tribos, de modo que a capital e o rei encontram-se cercados. Entre os convidados, supõe-se a presença de pessoas principais do reino, que com essa manobra são afastadas da corte e tornam-se inofensivas.

Fuga de Davi (2Sm 15,13-37). Davi percebe a gravidade da situação e a enfrenta. Em relação à dinastia, lutando dividirá mais ainda sua família, expondo-a a grandes morticínios; fugindo, ainda que disposto a perder o trono, continuará o reino com Absalão. Em relação à capital, Davi sabe muito bem como é fácil defender Jerusalém. É possível que nesse tempo estivesse mais bem protegida do que no tempo dos jebuseus; contudo, o cerco e a defesa podem condenar a cidade e seus habitantes à ruína; fugindo salva a capital. Em relação à Arca, fica na cidade. Em relação ao reino, a difícil unificação do Norte e do Sul ficaria gravemente comprometida com uma guerra civil, ao passo que Absalão parece capaz de manter unida a nação. Surpreende a atuação de Davi em face ao futuro, A aceitação resignada e cálculo providente. Disposto a tudo, não abandona nada. O fundamento último dessa atitude é o Senhor. Davi, indigno no seu esplendor, reencontra a infelicidade.

Foge na direção do oriente, a única escapatória prudente, descendo pela Torrente do Cedron. Cereteus e feleteus formam a escolta. Etai deve ao rei uma lealdade limitada, por sua condição de estrangeiro e pelo tempo de seu serviço; por isso, o rei o desliga de toda obrigação. Não podendo dar-lhe nada nesse momento, invoca para ele a proteção do Senhor. Etai poderá passar para o serviço do novo rei: assim chama

Davi a Absalão. A si mesmo, ele se vê como em outros tempos, fugitivo e sem rumo. Contudo, dessa vez, perseguido por seu próprio filho. Do alto do monte podem ver pela última vez a capital. Nesse momento o narrador dá a notícia da entrada de Absalão em Jerusalém.

Siba, Semei e Davi (2Sm 16,1-13). A atitude de Siba é ambígua para o leitor. Por um lado, acusa seu amo de deslealdade com Davi e, implicitamente, acusa-o de ingenuidade, pois Absalão não vai revoltar-se para restaurar a monarquia de Saul. Mais adiante (2Sm 19,25-31), Mifiboset acusará o criado de tê-lo enganado. Por outro lado, Siba não ganha muito, passando para o bando de Absalão, ao passo que seu presente a Davi custa pouco e vale muito. Como administrador dos bens de Mifiboset, pode facilmente carregar dois burros com provisões. No momento da infelicidade, Davi aceita, comovido, o gesto. Semei se sente solidário com a família ou clã de Saul, e sua acusação principal é de homicídio: pode referir-se à morte de Abner e de Isboset e provavelmente também às execuções que narra 2Sm 21,1-10. Suas palavras do alto do monte têm algo de acusação pública. O ato de apedrejar é tentativa simbólica de executar o criminoso, ao mesmo tempo que invoca o Senhor como vingador do sangue derramado. Na frase “entregou o reino” (v.8), ecoam as ameaças de Samuel a Saul (1Sm 13,14; 15,28). Essa é a visão de um benjaminita, uma tentativa de explicação teológica da história viva. Algo no coração de Davi responde a essa interpretação teológica: havia pouco tempo chamara seu filho de rei, e também é certo que derramara sangue inocente. Agora, em sua desventura vê cumprir-se a sentença pronunciada por Natã (2Sm 12,11). Mas não perde toda esperança, porque confia no Senhor que defende os humildes e humilhados. Nesse momento, Davi se submete à justiça do Senhor, como vassalo, e renuncia formalmente a fazer justiça, como soberano.

Absalão em Jerusalém (2Sm 16,14-23). Estabelecendo a simultaneidade narrativa, o autor passa a falar a respeito de Absalão. A sessão está unificada pelo tema da traição. O jovem aspirante a rei deixa-se cegar e subjugar por ela. Nos vv.16-19, o diálogo quer provar a lealdade. O narrador introduz Cusai com o título “amigo de Davi”, mas Absalão poderá confiar em um traidor? Cusai apela para essa mesma lealdade, que passa inteira do pai para o filho: coisa lógica para um servidor da casa. Davi foi rei por escolha do Senhor e do povo; agora a escolha passou para o filho: não é justo apoiar o desejo de Deus e do povo? A lógica de Cusai é tão encomiástica, que Absalão rende-se; além disso, está acostumado a atrair a atenção do povo. Cumpre-se aqui a segunda parte da sentença de Natã. Absalão declara-se dono do palácio e com prerrogativas reais de sucessão. As concubinas transferem-se publicamente do harém para o terraço, e Absalão entra ostentadamente na tenda ali armada.

Aquitofel perante Cusai (2Sm 17,1-16). Pela primeira vez são questionados os conselhos de Aquitofel, do qual se disse no capítulo anterior que eram recebidos como um oráculo, ou mesmo quando aconselhava Davi quanto a Absalão (2Sm 16,23). É que a oração de Davi, segundo a intenção do narrador, começa a ser atendida, segundo o versículo 14. Não se deve esquecer que essas passagens, nas quais aparece Deus tomando partido por um ou por outro personagem, são recursos literários e modos de expressão que é necessário depurar muito cuidadosamente. Precisamos lembrar que o Deus bíblico é antes de tudo o Deus da justiça, e que sempre vai estar do lado do oprimido, por mais que uma corrente política ou religiosa, que em num dado momento detenha o poder, queira apresentá-lo em suas fileiras.

Davi e Absalão na Transjordânia (2Sm 17,17-29). A campanha

de Absalão é sobriamente descrita como destinada ao fracasso, com a narração do suicídio de Aquitofel, enquanto Davi e seus homens recebem o apoio vindo de Jerusalém, por meio de avisos e notícias, e na Transjordânia, com alimentos e acolhida.

Derrota e morte de Absalão (2Sm 18,1-18). Aquitofel já havia anunciado o desígnio de Absalão: Davi tinha de morrer para que todo o povo se salvasse. Davi preocupa-se com a vida de seu filho, mais do que com o bem de seu exército; inclusive queria ter morrido no lugar de seu filho. Os soldados põem a vida de Davi acima da vida de metade do exército. A Deus cabe decidir. Até o último momento Davi não sabe se tem de morrer na batalha - como Urias - ou na cama - como Isboset -, ou se a vingança do Senhor se deteria antes. Absalão percorre a parábola de um foguete: depois de longos preparativos, em uma jornada se proclamou rei; entre o céu e a terra fica truncada sua ascensão, e sua vida apaga-se longe de Jerusalém. O texto não diz expressamente que se enredasse sua abundante cabeleira, nem o exclui; é a leitura tradicional. O importante é que fica pendurado na árvore. Um texto legal - provavelmente posterior - disse que Deus amaldiçoa aquele que pende de uma árvore (Dt 21,23); igualmente, algumas leituras posteriores viram nesse fato uma execução pela mão de Deus. A mula é cavalgadura de reis ou príncipes: o privilégio torna-se fatalidade. Absalão fica sem a mula e sem o reino.

Davi recebe a notícia (2Sm 18,19-32). Surge uma discussão para levar a notícia ao rei. Joab é quem determina quem deve ser o mensageiro; mas Aquimaas é quem finalmente chega primeiro, embora, de fato, a notícia seja comunicada efetivamente pelo etíope.

Davi chora a morte de seu filho (2Sm 19,1-9). Os lamentos do rei são entendidos por Joab como desprezo para com o resto da tropa. Suas palavras ressoam duras, mas fazem com que Davi caia em si e outra vez

junte-se aos soldados.

Regresso de Davi (2Sm 19,10-44). O retorno de Davi e os sucessivos diálogos daqueles que se precipitam a oferecer-lhe apoio escondem uma realidade em relação à monarquia, realidade de contradições, de ambições e de ciúmes. A história continua sendo construída pelas mesmas pessoas poderosas, enquanto o povo permanece mudo, ausente.

Revolta de Seba (2Sm 20,1-26). Seba reuniu seus homens em uma cidade cercada por muralha, como Davi temia (v.6). Uma mulher, reconhecida por sua sabedoria, mantém um diálogo com Joab, no qual dão maior valor à vida de toda uma cidade do que à cabeça de um rebelde; ela transmite seu ponto de vista a seus concidadãos. Joab consegue o que deseja: a cabeça de Seba e o fim da revolta. As tropas dispersam. Joab volta para Jerusalém onde está o rei. Assim termina a história, ou parte dela. É uma história de revoltas, de fuga do rei e de retorno para casa. Nela representam-se decisões humanas e poder político. Propõe numerosas interrogações, mas não responde a nenhuma. Sua natureza é decididamente secular; o papel de Deus é mínimo. Resulta ambivalente; os intérpretes puseram em realce elementos tanto favoráveis como desfavoráveis a Davi. Joab fica à frente de todo o exército de Israel. Banaías está encarregado dos mercenários; desde 2Sm 8,18 não havia sido mencionado. Aduram se ocupa das obras públicas; Josafat era o cronista; Siva era o escriba; Sadoc e Abiatar, os sacerdotes, assim como Ira, o jairita, um personagem desconhecido até aqui, era também sacerdote de Davi.

Vingança de sangue (2Sm 21,1-14). Os gabaonitas são um exemplo de população cananeia, incorporada pacificamente aos novos habitantes: tinham uma aliança com Israel, com direito à vida, a troco de alguns serviços (Js 9). Saul, em seu exclusivismo fanático, havia cometido um crime gravíssimo contra o direito então vigente. É perfeitamente razoável

que o delito exija reparação. O que não parece tão razoável é que a justiça vindicativa se aferre tanto sobre os sucessores de Saul. O direito à época torna responsável toda a família. Um valor positivo daquela legislação era sancionar e robustecer os vínculos de solidariedade e dissuadir os criminosos; o aspecto negativo é que, ao nosso modo de ver, castiga inocentes. O delito de sangue exige sangue, e os parentes, por ordem de proximidade, têm de vingá-lo: é a instituição social do *goelato*. Quando o homem se desentende, Deus escuta o clamor do sangue e realiza ou exige a reparação da justiça. O oráculo interpreta a fome pertinaz como uma exigência de Deus. Em alguns casos, era possível aceitar uma compensação em dinheiro, outras vezes essa compensação era proibida. Sob a intervenção do Senhor, a execução é um ato em sua honra. As vítimas são oferecidas a Ele, em uma espécie de consagração ao Senhor da vida. As vítimas podem ficar à mercê das feras ou aves; a legislação posterior pede que se retirem os cadáveres antes do pôr do sol (Dt 21,22s); e os cadáveres dos justicados enterram-se em uma sepultura comum.

Batalha contra os filisteus (2Sm 21,15-22). Começa aqui uma série de apêndices que procuram completar a história de Davi. As campanhas com os filisteus pertencem à primeira etapa do reino (cap. 5). As quatro façanhas são semelhantes e também o são as fórmulas, como se se tratasse de uma lista de menções honoríficas. O mais curioso é encontrar outra vez Golias, o de Get; desta vez, morto por Elcanã e não por Davi. A série dá a entender que entre os filisteus havia alguns soldados de estatura avantajada. Detalhes pitorescos ou expressões poéticas animam a sobriedade das descrições. Gob encontrava-se provavelmente nas proximidades de Jerusalém.

Salmo de Davi (2Sm 22,1-51). Este salmo, com leves variantes, é o Salmo 17 do Saltério. A atribuição a Davi não é segura. A forma é

de ação de graças ao Senhor, recitada na presença da comunidade. O contexto litúrgico explica a passagem da segunda para a terceira pessoa. O favorecido narra aos presentes o benefício insigne recebido de Deus. Pode desdobrá-lo em uma descrição da situação desesperadora, uma descrição do ato salvador, e algumas reflexões. O cantor se faz testemunha de Deus diante da comunidade. Em alguns versos, o favorecido conta ao Senhor os favores que Ele mesmo lhe fez. Não parece lógico contar ao protagonista sua proeza, muito menos se ele é Deus, que a conhece muito melhor. Entretanto, esse modo de orar indica um momento de intimidade e de profundo reconhecimento. O Senhor não necessita sabê-lo, mas quer escutá-lo, tornando-se ouvinte daquilo que já sabe. Falando assim ao Senhor, em segunda pessoa, a sinceridade é absoluta. A primeira parte do salmo tem uma construção muito clara. Depois de uma invocação, descreve o perigo mortal em que se encontrava, a teofania do Senhor e a libertação; depois reflete sobre o motivo dessa libertação e enuncia um princípio geral sobre a conduta de Deus. Na segunda parte, repetem-se os mesmos temas, de modo irregular. É possível descobrir um par de vezes o seguinte esquema: ação de Deus na segunda pessoa, efeito nos inimigos, ação do salmista. O final liga-se ao começo na invocação, visto que repete o tema dominante.

Teologia. Suposta a concepção do universo em três planos - céu, terra e abismo - o salmo projeta-se sobre um eixo vertical que domina o plano horizontal. O protagonista situado na terra encontra-se rodeado, envolvido, sem escapatória; a invasão do oceano abissal fecha definitivamente o cerco. Em sua dimensão, o homem é impotente, carece de transcendência a uma terceira dimensão de altura: é a dimensão de Deus. Deus aparece na altura, apresentando-se sem limites, baixando para auxiliar; e já a visão começa a libertar o homem de seu sufoco insuperável. Depois vem a

ação, que se expressa em duas direções: romper o cerco, dar amplidão e espaço (vv.20.37); e mais ainda levantar, colocar no alto (vv.34.49). Vários títulos divinos exprimem direta ou indiretamente essa altura: rocha, palácio, baluarte. O mundo da morte e do perigo extremo é visto como elemento profundo: abismo (v.6), fundo do mar, fundamentos do orbe (v.16). Paralelamente ao movimento do eixo dos elementos, colocam-se verticalmente ataque e derrota: os inimigos levantam-se, são os que se levantam (vv.40.49), a derrota é queda sem se levantar (v.39), é curvar-se, rebaixar-se, colocar-se debaixo dos pés (vv.39.40.48). Pois bem, essa vitória, que se canta como dom de Deus, exigiu a luta humana. Muitos termos falam da guerra, mas era Deus quem ensinava, experimentava e auxiliava Davi. A esse campo pertencem os motivos de fraqueza e firmeza, e os títulos divinos Refúgio, Escudo.

Últimas palavras de Davi (2Sm 23,1-7). Existem muitas razões para pensar que este poema é antigo e que foi feito por Davi. Na construção do livro, o oráculo tem função conclusiva: o contexto da morte próxima de Davi é uma indicação importante para explicá-lo. Quanto à forma, apresenta-se como oráculo, isto é, como enunciado profético; muito semelhante, no começo, aos oráculos de Balaão, o adivinho transformado em profeta pelo poder de Deus (Nm 24). O versículo 2 esclarece, sem deixar dúvidas, o caráter profético da peça. Mas quando chegamos ao seu conteúdo, sentimo-nos transportados para o mundo sapiencial da reflexão humana, e seu valor didático. Embora essa reflexão esteja iluminada por Deus, de maneira genérica, o sapiencial é especificamente tarefa humana, diversa do profético. Sapiencial é a oposição dos destinos dos justos e malvados. Sapiencial é a comparação do justo com imagens de luz (Sl 111,4), do cisco ou da palha (cf. Sl 1), como exemplo de plantas inúteis; o presente oráculo escolhe a imagem das sarças, que na literatura profética

e em alguns salmos (117,12) descreve o inimigo. Muito sapiencial é o tom sentencioso dos enunciados opostos. E também é sapiencial a instrução sobre o bom governo e suas consequências. Já o v.5 recorda o oráculo de Natã, mas em si não soa como enunciado profético - recordar uma profecia não é em si outra profecia. Então, o que significa essa tensão entre a solene introdução profética - mais de um terço do poema - e o comum ensinamento sapiencial? Davi pôde resumir sua longa experiência e transmiti-la a seus sucessores sem necessidade de tanto aparato. Nesse momento, Davi recorda rapidamente sua história: “do homem que foi exaltado, do ungido do Deus de Jacó, cantor dos salmos de Israel”. Sente-se invadido pelo Espírito do Senhor para anunciar o futuro, que começa precisamente nele. Trata-se de sua dinastia: reafirmando a profecia de Natã, transmite-a como profeta a seus descendentes, com autoridade divina, não como simples repetidor. A promessa dinástica eleva à esfera profética os elementos sapienciais; a promessa é vista como pacto, isto é, com exigências que condicionam os dons. Viu-se escolhido como rei, para viver como mediador da justiça divina que dá paz e bem-estar a seu povo. Se os malvados dentro ou fora tentam perturbar esse reino de justiça, o ferro e o fogo os consumirá. Não tem outro sentido sua escolha e suas vitórias. Só nessas condições transmitirá a seus sucessores. Todavia, é um pacto eterno: Davi anuncia e deseja o reino de justiça. É seu programa, seu legado, sua esperança. Sente-o germinar em si e prevê seu crescimento sem mais detalhes. Desse modo, o oráculo de Davi é “germinalmente” messiânico: caberá aos leitores que vierem posteriormente, ensinados pela história e iluminados por Deus, a descoberta de seus sentidos e fazer que continue crescendo até o futuro.

Nomes dos guerreiros de Davi (2Sm 23,8-39). Esta coleção de tradições davídicas é importante porque nos revela as estruturas

da administração de Davi, que de outro modo nos seriam totalmente desconhecidas. Tais estruturas estão integradas pelos grupos conhecidos como os Três e os Trinta. Os Três eram Jesboão, Eleazar e Sama. Fora disso, nada sabemos deles nem de suas façanhas. A história da oferenda dos heróis nos vv. 13-17 parece agora estar associada a esses três guerreiros. Quanto aos Trinta, conhecemos quatro de seus membros: Abisai, Banaías, Asael e Urias, o hitita. As façanhas atribuídas a Abisai e Banaías também nos eram desconhecidas. Faz-se uma clara distinção entre os Três e os Trinta. Abisai era comandante dos Trinta, mas não fazia parte dos Três (v.19). Banaías era famoso entre os Trinta, mas nem mesmo fazia parte dos Três (v.23). O total das pessoas soma trinta e sete (v.39). Nem todos tiveram razão para serem membros simultaneamente. Esses dois grupos, importantes na aparência, pertencentes provavelmente ao primeiro período da carreira de Davi, são totalmente silenciados nas tradições davídicas, com exceção desta passagem.

A peste (2Sm 24,1-25). Compõe-se de três sessões: o recenseamento (vv.1-9), a peste (vv.10-15), o altar (vv.16-25). A primeira tem um caráter administrativo, a segunda é numinosa, a terceira é cultural. As três organizam-se perfeitamente: o recenseamento é a causa da peste e o altar, seu remédio. Não custa compreender que a peste apareça como castigo de Deus: o “enviado do Senhor” fere de peste o exército de Senaquerib, o “exterminador” feria os egípcios. Fome-espada-pestes-feras é a cadeia clássica de vingadores divinos. Concretamente, a peste, mais que outras desventuras, aterrorizava estranhamente o homem antigo: sua difusão rápida e incontrolável, sua execução sumária e sem distinção de idade ou de pessoa, unida à ignorância de suas causas e processo envolviam a peste em uma aura numinosa. Era uma força demoníaca ou um carrasco a serviço de um Deus misterioso. Na concepção javista

(J), que reconhece um só Deus - ao menos para Israel -, a peste não pode ser instrumento de outra divindade, mas tem de estar submetida ao Senhor. Por isso, denuncia violentamente um estado de pecado ou de contaminação, que tem de ser superado pela expiação e confissão da culpa. Davi confessa seu pecado e constrói um altar para aplacar a cólera divina. Em seu afã de concluir a grande inclusão, a soberania do Senhor que abrange todo o arco dos acontecimentos, causas e efeitos e remédios; resulta estranho, não obstante, seu modo de agir. Se tudo tivesse começado com o pecado de Davi, não nos custaria entender o porquê. Portanto, como conclusão, Davi é mediador de bens e desventuras para seu povo. Mas o v.1 diz que Deus instiga Davi a cometer um pecado para castigar com essa oportunidade o povo - que se supõe pecador. O Primeiro livro das Crônicas, 21,1, corrige dizendo que foi Satanás quem instigou Davi; Satanás, o adversário de Israel e do plano de Deus. O narrador primitivo não procura racionalizar Deus: aceita sua santidade incompreensível, reconhece seu domínio sobre os motivos humanos e expressa, a seu modo, em termos antropomórficos, sua misteriosa ação na história humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al.* *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John *et al.* *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÛE, Bernard *et al.* *História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.